



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ELIANA CÉLIA SILVA CARNEIRO

USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR
IDOSOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE BASE FENOMENOLÓGICA.

Belém, 2018

ELIANA CÉLIA SILVA CARNEIRO

USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR IDOSOS:
UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE BASE FENOMENOLÓGICA.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da UFPA – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de pesquisa “Fenomenologia: Teoria e Clínica” Orientadora: Profa. Dra. Adelma Pimentel.

Belém, 2018

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP) Sistema de
Bibliotecas da Universidade Federal do
Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

C289u Carneiro, Eliana célia silva
USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR IDOSOS:
UMA REVISÃO
INTEGRATIVA DE BASE FENOMENOLÓGICA. / Eliana célia silva
Carneiro. — 2018 89 f. : il. color

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA),
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel

1. Tecnologia de informação e comunicação; velhice; revisão integrativa. . 3.
Universidade Federal do Pará. I. Pimentel, Adelma do Socorro Gonçalves, *orient.* II.
Título

CDD 150

ELIANA CÉLIA SILVA CARNEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia. da UFPA – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de pesquisa “Fenomenologia: Teoria e Clínica”, Orientadora: Profa. Dra. Adélma Pimentel.

Belém, 2018

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel – Orientadora
Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Airle Miranda de Souza-examinadora-Interna
Universidade Federal do Pará

Profº Dr. Lucivaldo da Silva Araújo – examinador externo.
Universidade do Estado do Pará

Profº Dr. César Seibt – examinador suplente
Universidade Federal do Pará – UFPA.

*"Há mais esperanças nos meus passos do
que tristeza nos meus ombros"*
(Cora Coralina)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter me concedido forças e sabedoria para concluir mais essa etapa de aquisição de conhecimentos. A ele toda minha glória e todo meu louvor;

À orientadora Prof^a. Dr^a. Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel, por ter-me acolhimento com todo respeito, atenção e paciência, concedendo-me orientações valiosas para conclusão deste trabalho;

Aos professores doutores Airle Miranda, Cezar Seibt, Leandro Passarinho, Lucivaldo Araújo e João Torres pelas suas dedicações no repasse de seus conhecimentos ao longo das disciplinas no decorrer do curso;

À minha acolhedora família por todo amor, apoio e respeito, na pessoa de minha irmã Ana Célia Carneiro que não mede esforços para nos ajudar com toda sua dedicação e carinho e, ao meu filho Leonardo Ferraz por compreender meus stress e minha ausência em função das obrigações do curso;

Aos meus colegas Caetano Diniz, Edileusa Paes e Ellen Silva pelas valiosas ajudas que me restituíam as forças nos momentos difíceis, fazendo-me acreditar que era capaz;

Ao Prof^o. Ms. Iracildo Castro, atual chefe do departamento de Psicologia da UEPA, por toda amizade e compreensão a mim dedicada;

A todos do grupo de estudos do Núcleo de Fenomenologia - NUFEN pela amizade na pessoa da doutoranda Christiane de Souza pela amizade, ajuda, apoio e compartilhamento de conhecimentos, minha gratidão a vocês;

Aos profissionais da Secretária do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP, na pessoa da secretária Francidalva Nery pela amizade, paciência e atenção aos nossos atendimentos.

A todos que fizeram parte direta ou indiretamente desta minha jornada, citados aqui ou não, o meu eterno agradecimento.

Eliana Carneiro

RESUMO

Esta dissertação de mestrado trata de uma revisão integrativa de literatura de base fenomenológica a respeito do uso das tecnologias de informação e comunicação -TICs por idosos. A revisão tem como critério de inclusão estudos e pesquisas empíricas realizadas no período de 2006 a 2016, que tiveram como participantes pessoas na faixa etária de 60 a 70 anos, publicadas em forma de artigos de periódicos em revistas científicas nacionais. O objetivo é conhecer o panorama dos conteúdos que estão sendo produzidos a acerca da inserção de idosos no universo das TICs na sociedade atual. O método de Revisão Integrativa de Literatura tem por finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente, e por fornecer informações mais amplas sobre um assunto ou problema, constituindo assim, um corpo de conhecimento mais completo sobre um mesmo tema. A revisão teve como resultado o conhecimento de que o panorama geral dos estudos realizados a respeito da inserção de pessoas idosas no mundo das tecnologias de informática e comunicação trata as experiências vividas por essas pessoas de forma homogenia. Não se refere aos sentimentos e aos significados que cada pessoa atribui a essa experiência, de forma subjetiva e singular, ou seja, as teorias formuladas a partir dos estudos revisados não evidenciam as questões individuais, fenomenológicas dos participantes seus aspectos emocionais, psicológicos ao entrarem em um mundo que não lhe foi peculiar ao longo de sua existência.

Palavras Chaves: Tecnologia de informação e comunicação; velhice; revisão integrativa.

ABSTRACT

This master's thesis deals with an integrative review of phenomenologically based literature on the use of information and communication technologies (ICTs) by the elderly. The review has the inclusion criterion studies and empirical research carried out in the period from 2006 to 2016, which had as participants participants in the age group of 60 to 70 years, published in the form of articles of periodicals in national scientific journals. The objective is to know the panorama of the contents that are being produced about the insertion of the elderly in the universe of ICT in today's society. The purpose of the Integrative Literature Review method is to synthesize research results on a topic or issue, in a systematic, orderly and comprehensive manner, and to provide broader information on a subject or problem, thus constituting a more complete body of knowledge on the same theme. The review resulted in the knowledge that the general picture of the studies carried out on the insertion of older people in the world of information and communication technologies treats the experiences of these people in a homogeneous way. It does not refer to the feelings and meanings that each person attributes to that experience, in a subjective and singular way, that is, the theories formulated from the reviewed studies do not evidence the individual, phenomenological issues of the participants their emotional, psychological aspects when entering into a world that was not peculiar to him throughout his existence.

Keywords: Information and communication technology; old age; integrative review.

LISTA DE ABREVEATURAS

CNDPI - Conferências Nacionais de Direitos da Pessoa Idosa

CNDI - Conselho Nacional dos Direitos do Idoso

DDH - Disque Direitos Humanos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LILACS - Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde OMS -
Organização Mundial de Saúde

PAIE - Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento

PBF - Programa Bolsa Família

PNI - Política Nacional do Idoso

PAEVPI - Plano de Ação para o Enfrentamento da Violência contra a Pessoa Idosa

PNPMAV - Política Nacional de Prevenção a Morbimortalidade por Acidentes e
Violência

PPPS - Políticas Públicas e Plano Setorial

Pepsic - Periódicos Eletrônicos em Psicologia

RNPDDPI - Rede Nacional de Proteção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa

RI – Revisão Integrativa

SDH - Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

SciELO - Scientific Electronic Library Online

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – 1ª Categoria: Aspectos Determinantes

FIGURA 02 – 2ª Categoria: Temas de Maior Interesse

FIGURA 03 - 3ª CATEGORIA: Paradigmas Metodológicos

FIGURA 04 - 4ª CATEGORIA: Áreas de Conhecimento

FIGURA 05 - 5ª CATEGORIA: Principais Conclusões

LISTA DE QUADROS

QUADRO Nº 1 – Coleta de Dados dos Artigos

QUADRO 2 – Tabulação dos Artigos Revisados.

LISTA DE TABELAS

TABELA – 1. Base de Dados

TABELA – 2. Ano de Realização das Pesquisas.

TABELA – 3. Faixa Etária dos Participantes das Pesquisas.

TABELA – 4. Gênero de Maior Predominância nas Pesquisas

TABELA – 5. Temas de Maior Interesse

TABELA – 06. Paradigmas Metodológicos

TABELA – 7. Áreas de Conhecimento

TABELA - 8. Principais Conclusões

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	14
2 - FENOMENOLOGIA COMO BASE FILOSÓFICA DA COMPREENSÃO DA VELHICE.	22
2.1 - NOTAS SOBRE O ENFOQUE DA FENOMENOLOGIA SEGUNDO MARTIN HEIDEGGER.....	23
3 – REFLEXÕES DE SIMONE DE BEAUVOIR SOBRE A VELHICE.....	31
4 – METODO REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA.....	43
5 — RESULTADOS.....	52
6 – DISCUSSÃO.....	75
7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERENCIAS.....	91

1- INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado é fundamentada nas concepções fenomenológicas existenciais desenvolvidas na linha de pesquisa Fenomenologia Teoria e Clínica, do curso de mestrado em psicologia pela Universidade Federal Pará. Para elaboração da mesma dialoguei com a perspectiva hermenêutica heideggeriana, e com a abordagem da filósofa Simone de Beauvoir sobre a velhice. Com isso ensejo contribuir para despertar mais estudos sobre o tema, cuja relevância social destaca que os idosos são impactados pelos avanços tecnológicos tendo necessidade da utilização de suas ferramentas na cotidianidade.

Metodologicamente se constitui como uma Revisão Integrativa dos estudos produzidos no período de 2006 a 2016, visando analisar as abordagens e os conteúdos que os autores fazem acerca do uso das TICs pelos idosos na sociedade atual.

A Revisão Integrativa de Literatura favorece sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente, e fornecer informações mais amplas sobre um assunto ou problema, constituindo assim, um corpo de conhecimento mais completo sobre um mesmo tema. Este método de pesquisa permite a busca, a avaliação crítica e a síntese dos estudos disponíveis de um tema investigado, tendo como produto final o reconhecimento do assunto em questão, produzido por várias autorias em diferentes metodologias (ERCOLE et.al., 2014).

O interesse inicial pela temática do envelhecimento humano surgiu ao longo de 12 anos de trabalho como psicóloga, entre 1990 a 2002, período em que atuei coordenando projeto social destinado a pessoas na faixa etária acima de 60 anos. Nessa época usavam-se as tecnologias de informática e comunicação, a partir da introdução do uso de computadores no trabalho e da utilização de aparelhos celulares pelos mais jovens com situações econômicas mais abastadas, contudo, a maioria dos idosos ainda não tinha o menor contato com as ferramentas tecnológicas, e uso das redes sociais da época.

A organização a qual eu estava veiculada faz parte de um grupo de empresas nacionais, com administração regional, também, em Belém - Pará. É uma entidade de prestação de serviços socioculturais para a classe média-baixa de comerciários, onde na época nem se cogitava a inclusão dessas ferramentas nas atividades oferecidas aos idosos.

Durante esses anos atendi e convivi diariamente com pessoas em processo de envelhecimento e já envelhecidas, somado a oportunidades de conhecer trabalhos desenvolvidos em quase todos os estados da federação, onde o acesso de idosos às TICs era inexistente. Nesse período vivenciei situações diversas, as quais me permitiram conhecer aspectos comuns e singulares do envelhecer, levando-me a interessar pelo conhecimento científico desenvolvido em torno dessa fase do desenvolvimento humano. Assim, passei a pesquisar para aprofundar estudos a respeito das questões psicológicas e sociais deste segmento.

No que diz respeito à busca de conhecimentos sobre a inclusão de idosos no mundo das tecnologias de informática e comunicação surgiu da necessidade de reconhecer o advento das TICs como um dos fatores que vem alterando o comportamento humano na atualidade, em todas as circunstâncias, independente de faixas etárias. Sendo que nesse aspecto, meu interesse se volta para as concepções formuladas por autores de pesquisas em torno da inserção e da participação do idoso na sociedade digital, a partir do seu modo de existir no mundo.

Considera-se ainda, que as pessoas de faixa etária mais avançadas podem sentir necessidade de inclusão digital, no momento em que a mesma se tornou uma forma de socialização com o mundo contemporâneo, o que favorece as relações familiares, sociais, comerciais entre outros, bem como, entende-se que esta atividade repercute também na qualidade de vida dos idosos, auxilia nos estímulos cognitivos, motores e conseqüentemente na melhora da autoestima (BIZELLI, 2009).

Envelhecer é um processo sequencial, individual, irreversível, não patológico, de desgaste de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte. É um processo contínuo e progressivo, no qual ocorrem modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas, sociais e psicológicas (FECHINE, 2015).

O termo idoso, do ponto de vista cronológico e legal no contexto brasileiro, se aplica para pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. (Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003). Nos países desenvolvidos uma pessoa é considerada idosa ao completar 65 (sessenta e cinco) anos de idade, nos países em desenvolvimento, aos 60 anos (BOEMER & SILVA, 2009).

Para Peixoto (1998), o termo idoso, inicialmente, era restrito aos indivíduos que tinham status social advindo de sua experiência em cargos políticos, decorrente de

situação financeira privilegiada ou de alguma atividade valorizada socialmente. De acordo com a autora, essa classificação tem origem numa época em que nas relações do processo de produção, a força de trabalho era o bem que o indivíduo das classes menos favorecidas tinha para vender. Até então, o tratamento da velhice era pautado na exclusão social, tendo o asilo como seu principal símbolo. O termo velho era empregado para reforçar uma situação de exclusão daqueles despossuídos de família, indigentes e que não detinham status social.

Prosseguindo em sua análise, Peixoto assinala que, a partir dos anos sessenta o termo idoso passou a ser utilizado para os textos oficiais em substituição ao termo velho, e as pessoas envelhecidas passam a ser olhadas com maior respeito.

Essas mudanças repercutiram positivamente no Brasil e, no final da década de sessenta, o país também já havia assimilado a noção de “idoso” utilizando o termo em alguns documentos oficiais. Ao longo do texto da dissertação, utilizo, também, os termos “pessoas mais velhas” e “os mais velhos”.

A incidência de pessoas acima de 60 anos de idade conforme as projeções das Nações Unidas (Fundo de Populações) indica que atualmente uma em cada 09 (nove) pessoas no mundo tem 60 anos ou mais. O estudo aponta, ainda, que, em 2050, pela primeira vez, haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos. Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2014).

Em 2012, 810 milhões de pessoas tinham 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. Projeta-se que esse número alcance 1 (um) bilhão em menos de dez anos e mais que duplique em 2050, alcançando 2 bilhões de pessoas ou 22% da população global. Já no Brasil, segundo pesquisa do IBGE, a população idosa totaliza 29,6 milhões de pessoas (NOGUEIRA, 2016).

Simultaneamente, a participação em atividades sociais de pessoas na faixa etária de mais de 65 anos avançou de 5,9% em 2000 para 7,4% em 2010. O envelhecimento é reflexo do mais baixo crescimento populacional aliado a menores taxas de natalidade e fecundidade (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2010).

Com isso, novas necessidades foram explicitadas pelas pessoas mais velhas, como de autonomia, mobilidade, acesso a informações, serviços de segurança e saúde preventiva. A fim de atender essas expectativas foram criadas, nos últimos anos, instrumentos legais que garantem proteção social e ampliação de direitos às pessoas idosas, num esforço conjunto como em vários países (BRAGA, 2008).

Em 1991, as Nações Unidas lançaram uma Carta de Princípios para as Pessoas mais Velhas, que inclui a independência, participação, assistência, autorealização e dignidade dessas pessoas. Ainda que esses instrumentos legais sejam construídos, divulgados e executados em diferentes níveis temporais e de intensidade, uma nova concepção do processo de envelhecimento vem sendo incorporada socialmente.

Com o objetivo de propor um caminho para um envelhecimento com qualidade, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH) busca, em parcerias com outros Ministérios e órgãos, programar ações e ferramentas adequadas e, medidas concretas que favoreçam a promoção da inclusão e independência da pessoa mais velha pelo maior tempo possível. Entretanto, essa é uma mudança estratégica para as próximas décadas que envolvam, também, uma dimensão real de crescimento econômico, com inovações em tecnologia, serviços e desafios (CASTELLS, 2004).

No Brasil identificam-se marcos legais nacionais que favoreceram o percurso do amadurecimento sobre a questão do envelhecimento: a Constituição Federal de 1988 e a Política Nacional do Idoso (PNI), estabelecida em 1994 (Lei 8.842).

Na década de 1990, no âmbito do Governo Federal, instituíram-se programas de benefícios que foram ampliados significativamente pelo Programa Bolsa Família (2004), com uma cobertura social que atende, com pelo menos um benefício, 8 (oito) de cada 10 pessoas idosas no Brasil.

Nos últimos anos as instituições governamentais brasileiras, organismos da sociedade civil e movimentos sociais conquistaram uma gama de leis, decretos, propostas e medidas que estabelecem direitos voltados para a pessoa idosa, referenciados pelas diretrizes internacionais (Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento), com isso, contabilizam-se conquistas democráticas importantes, como a criação do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI) em 2002 e a elaboração e publicação do Estatuto do Idoso em 2003, que regulamenta os direitos das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Entre os anos de 2006 e 2011 foram realizadas, no Brasil, três Conferências Nacionais de Direitos da Pessoa Idosa (CNDPI) que contaram, de forma progressiva, com uma expressiva participação da sociedade civil e do governo. Em relação ao estabelecimento de Políticas Públicas e Plano Setorial (PPPS) proposto de forma conjunta (governo e sociedade) destacam-se: a Política Nacional de Prevenção a Morbimortalidade por Acidentes e Violência (2001) (PNPMAV); o Plano de Ação para o Enfrentamento da Violência contra a Pessoa Idosa (2004) (PAEVPI); a Política

Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (2006); o II Plano de Ação para o Enfrentamento da Violência contra a Pessoa Idosa (2007).

Concomitantemente buscou-se fortalecimento da Rede Nacional de Proteção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa (RNPDDPI) por meio das seguintes ações: Programa Bolsa Família, Programa Brasil sem Miséria, Programa Minha Casa Minha Vida, entre outros. Em resposta às demandas da sociedade civil, o Governo Federal propõe uma série de serviços e programas de atendimento às pessoas idosas: a fim de dar voz às pessoas que tiveram e têm seus direitos violados, foi implantado em 2011 o Módulo Idoso do Disque Direitos Humanos (DDH) nº 100 (MOTTAR, 2010).

Este mesmo autor ressalta, também, que historicamente, as sociedades, para se desenvolverem têm a idade – e o sexo/gênero – como critérios fundamentais de organização e integração social, principalmente na participação e na divisão do trabalho, e foram construindo, ao mesmo tempo, formas organizativas outras que resultaram em discriminação, marginalização ou exclusão igualmente baseadas na idade – assim como em critérios relativos ao gênero, de tal forma que, na modernidade, a vida social apresenta-se impregnada de eterismo (de idade), tanto quanto de sexíssimo (de sexo).

Sendo que o preconceito e discriminação contra a idade se apresenta de forma menos perceptível, mais sutil que o sexíssimo, porque é mais naturalizado pela evidência dos registros da temporalização nos corpos. Isso é, os corpos são de várias idades, em suas diferentes transformações e possibilidades, ontológicas e sociais. É a coexistência dos tempos passados e presentes em um mesmo ser.

Essa dissertação está estruturada em 07 (sete) seções: a primeira trata desta introdução; a segunda apresenta a base filosófica da compreensão da Velhice, a partir de um ponto de vista fenomenológico existencial, ressaltando-se os conceitos de temporalidade e historicidade em Martin Heidegger.

Para maior esclarecimento deste ponto de vista, apresenta-se nota sobre o enfoque da fenomenologia segundo Heidegger. Observando-se como o conhecimento do mundo se dá para cada pessoa em captar o fenômeno e como é experienciado pela consciência. A terceira seção trás reflexões da filósofa, feminista Simone Beauvoir sobre a velhice. Beauvoir faz uma discussão holística a respeito do envelhecimento e da velhice feminina. Para esta autora existem literaturas oriundas de pesquisas e trabalhos para todos os campos etários, entretanto são raras as menções de estudos a respeito da velhice. A quarta seção apresenta as considerações gerais sobre o método de Revisão Integrativa dentro do contexto dessa revisão. Na quinta seção estão os resultados

obtidos, representados em figuras, quadros e tabelas. Na sexta seção está a discussão do panorama dos conteúdos encontrados, com base nos princípios da fenomenologia de Heidegger. A sétima são as considerações finais dessa dissertação, considerando-se o fenômeno da velhice visto de modo negativo e/ou positivo.

2 - FENOMENOLOGIA COMO BASE FILOSÓFICA DA COMPREENSÃO DA VELHICE.

Os fundamentos apresentados sinalizam uma proposta de compreensão da vivência do envelhecer, que se dá por meio da experiência vivida pelas pessoas que estão envelhecendo e, com isso, entender os significados das experiências vivenciadas por cada pessoa, considerando como referência a historicidade, o ontológico, e o singular desse ser.

A historicidade se dá, na medida em que a pessoa que envelhece torna-se própria de sua existência e quando assume modos de ser próprios, fazendo a sua história e a história do mundo, pois o acontecer da história é o acontecer de ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2002.)

Refletir acerca do envelhecer humano de um ponto de vista fenomenológico existencial permite compreender a velhice ao longo da existência pautada na historicidade e na temporalidade enquanto sentido (SEIBT, 2008).

A abordagem fenomenológica, enquanto roteiro de procedimentos desdobra-se em duas grandes vertentes: a filosófica e a empírica. Em ambas as vertentes o ponto de partida é a realidade social dos sujeitos e, o objetivo é a sua compreensão.

Para os psicólogos destaca-se a busca da compreensão no âmbito empírico, a obtenção de relatos sobre a experiência vivida do outro para alcançar o fenômeno, ou seja, a “coisa em si mesma” (BICUDO 200).

2.1 - NOTAS SOBRE O ENFOQUE DA FENOMENOLOGIA SOBRE O ENVELHECER SEGUNDO MARTIN HEIDEGGER.

O termo Fenomenologia deriva de duas palavras gregas: phainesthai, que significa “aquilo que se apresenta ou que se mostra”, e logos é um sufixo que quer dizer “explicação” ou “estudo”. Na psicologia, a fenomenologia baseia-se em um método que busca entender a vivência (<https://www.significados.com.br/fenomenologia/>)

O interesse da fenomenologia não é entender o mundo que existe, mas o modo como o conhecimento do mundo se dá, como ele se realiza para cada pessoa, para captar o fenômeno tal como é experienciado pela consciência (DARTIGUES, 2008).

A fenomenologia é um método de conhecimento sobre a realidade, sobre as coisas e os seres. Diferencia-se da ciência positivista, que busca universalizar e categorizar

saberes, e das concepções idealistas, que buscam estabelecer conceitos, ideias ou juízos sobre as coisas. Sua metodologia propõe o retorno a um estágio pré-reflexivo, que acontece antes das representações e construções conceituais.

A fenomenologia surgiu no início do século XX, na Alemanha, sistematizada por Edmundo Husserl (1859-1938), que recebeu influências dos pensamentos de Platão, Descartes e Brentano. Entre os pensadores que sofreram a influência do pensamento husserliano destacamos: Martin Heidegger, Alfred Schutz, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty. Além da Europa teve repercussão nos Estados Unidos e na atualidade, existe em todos os continentes.

A fenomenologia remete àquilo que se apresenta a si mesmo, o que se deixa ser visto e identificado na singularidade do ser, de cada fenômeno. Esta concepção realiza uma crítica à razão positiva da época descrita na obra “A crise da humanidade europeia e a filosofia” (HUSSERL, 2014).

Husserl (1989) considerava a fenomenologia como sendo o estudo dos fenômenos, a “ciência” das essências. O termo ciência aqui colocado entre aspas para mostrar que seu uso não implica dizer que a pesquisadora aderiu os procedimentos propostos pelas ciências tradicionais.

Ao contrário, para o autor, a fenomenologia seria a ciência que pesquisa aquilo que surge como consciência de determinada coisa. É uma filosofia que busca fundamentar as condições da ciência tradicional. Pretende conhecer onde o saber científico de uma ciência concreta ou empírica ganha apoio, tendo como ponto de partida os dados imediatos da consciência, a raiz de que se alimenta. Por isso, seu estilo é voltado para o interrogativo, o radicalismo e o inacabamento essencial existente no fenômeno (HUSSERL, 2006).

Fenomenologia significa, ainda, o estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado, buscando explorá-lo. A própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno. Tal abordagem filosófica identifica-se por assegurar o sentido dado ao fenômeno. Vai mostrar que o mundo é o fenômeno, o que se mostra, embora precise ser desvelado. Busca chegar ao fenômeno, desvelar o sentido deste que se mostra, para chegar àquilo que a coisa é (HUSSERL, 2014).

O fundamental nesta corrente está na descrição. A direção primeira que Husserl deu à fenomenologia foi a de ir às coisas mesmas. A descrição fenomenológica é

fundamental, porque o nosso olhar habitual não nos permite evidenciar o fenômeno em si mesmo. Nessa abordagem o pesquisador considera sua vivência em seu mundo, uma experiência que lhe é própria, permitindo-lhe questionar o fenômeno que deseja compreender (BELLO, 2006).

Para Goto (2013) a Fenomenologia Transcendental, fundada pelo filósofo Edmund Husserl (1859-1938), é uma filosofia que desde seu início influenciou, tanto as correntes filosóficas, quanto um conjunto de ciências, em particular, as chamadas “ciências do espírito” (ciências humanas). Dentre as ciências, pode-se dizer que a Psicologia foi a que mais diretamente recebeu sua influência, principalmente com relação à possibilidade de constituição de seu fundamento e método.

A distinção da Fenomenologia em relação a Psicologia é bem mais esclarecida no texto “Filosofia como ciência de rigor”, publicado em 1910-11, na qual Husserl afirma entre outras coisas que (1910/1965) “(...) é de esperar de antemão que a Fenomenologia e a Psicologia devem estar próximas uma da outra, referindo-se ambas à consciência”, embora de modos diversos e em “orientação” diversa, podendo dizer-se que à Psicologia interessa pela “consciência empírica”, (condição de possibilidade da vivência intencional) algo existente na continuidade da natureza, ao passo que à Fenomenologia interessa a “consciência pura” (consciência, de modo incontestável, na sua pura significação). Mas, ao mesmo tempo ambas possuem o mesmo objeto.

A psicologia proferiu Husserl, como toda e qualquer ciência, estuda e explica fatos observáveis. Não pode, no entanto, oferecer os fundamentos de tais estudos e explicações. Estes cabem à Filosofia. A psicologia explica, por meio de observações e de relações causais, fatos mentais e comportamentais, isto é, os mecanismos físicos, fisiológicos e psíquicos que originam as sensações, as percepções, as lembranças e pensamentos, ou que nos permitem realizar ações que nos adaptem ao meio em que vivemos. A Filosofia, porém, difere da psicologia, porque investiga o que é o físico, o fisiológico, o psíquico, o comportamental. Na linguagem de Husserl, não explica fatos mentais e de comportamento, mas descreve as essências da vida física e psíquica, que serviriam de base para a constituição das ciências particulares (BOEMER 2009. p.12 - 13).

Gradativamente, a fenomenologia vem ganhando reconhecimento como uma abordagem à pesquisa qualitativa, aplicável ao estudo de fenômenos importantes de diferentes campos. Ao ser aplicado à realidade o método dá origem ao movimento

fenomenológico-existencial, um esforço de valorização da subjetividade em situação de pensar sobre a transcendência do homem.

A vida autêntica não parece possível estar fora da consciência, nem num espírito independente da situação vivida. O desafio permanente é descrever a existência humana de uma forma inteiramente nova. Assim, a fenomenologia é uma tentativa de responder ao confronto das concepções metafísicas materialistas e idealistas decorrente do embate entre o neokantismo e a concepção positivista de ciência, do final do século XIX (DARTIGUES, 2008).

As filosofias de Dilthey (1833 –1911) e de Husserl (1859 – 1938), também, são partes representativas de um todo, reconhecível na virada do século, compreensível como uma filosofia herdeira do projeto de fundação do conhecimento, que responde a problemas que emergiram graças ao florescimento das ciências humanas. Suas respostas percorrem caminhos diferentes, às vezes contraditórios, dando origem ou continuidade a escolas distintas. Levando esse contexto em consideração, o sentido dos seus temas e problemas e os caminhos reflexivos escolhidos foram postos em perspectiva.

Em outro ponto de vista, o filósofo Martin Heidegger, que nasceu em, Messkirch, Alemanha, 26 de setembro de 1889 e morreu em Friburgo em Brisgóvia, 26 de maio de 1976. Foi escritor, professor universitário e reitor. Na década de 20 elabora “Ser e Tempo” publicado em 1927. A obra é considerada seu trabalho mais influente. Embora tenha partido das ideias de Husserl, ampliou a noção de fenomenologia, como sendo uma forma de compreensão dos fenômenos pelo aquilo que eles são, e chama a atenção para a necessidade de ater-se ao “como” eles são.

De acordo com Heidegger, a redução fenomenológica não pode ser entendida como uma mera ferramenta filosófica para colocar o mundo entre parênteses e revelar uma consciência transcendental pura, atemporal e extramundana. Pois o ser-no-mundo do Dasein, como seu modo de ser originário, é o fundamento para além do qual é impossível interrogar.

O fenômeno não pode, dessa forma, ser colocado fora de consideração pela redução fenomenológica. Para Heidegger, a redução deve revelar o ser-no-mundo do Dasein como o fundamento para além do qual não é possível investigar, pois ele é a própria estrutura constitutiva do Dasein. O autor não pretendia partir do cogito (de um pensar) puro de um eu transcendental, como Husserl, mas procurava desenvolver uma “hermenêutica da facticidade”, onde a própria existência concreta e já sempre dada do homem seria a base para qualquer investigação fenomenológica.

Heidegger preocupou-se, portanto, em entender como as categorias lógicas surgem da experiência e como elas contribuem para fazer da experiência aquilo que ela é. O articulista considera que o que distingue a fenomenologia das ciências tradicionais não é o que é investigado e sim o como é investigado. A caracterização de como as coisas aparecem e de como elas podem ser abordadas pelo indivíduo é o que constitui um todo indissociável sobre o qual a investigação fenomenológica deve se pautar (MOREIRA, 2010).

Heidegger queria mostrar como é o ser humano através do tempo. O conceito que o ser é tempo, e que, portanto, as possibilidades no mundo estão relacionadas ao tempo que permanece no mundo, a partir do momento que é lançado no mundo, que é presença, se mostra, e que estabelece uma dialética com o mundo que o ser é, e o mundo que existe fora.

Para Heidegger o mundo não é o mundo cósmico, mas sim um mundo dentro de uma conjuntura política, econômica e sociológica das experiências vitais da existência humana, a qual não se explica, e qualquer tentativa de explicar reduz o ser a um ente, coisificando o ser naquilo que se explica se finda, se esgota em si mesmo, enquanto o ser autêntico só finda com a morte.

Assim, descreveu o processo de entificação do ser, indicando que a partir do nascimento e é lançado ao mundo, contexto que já possui uma conjuntura histórica, política e econômica, que não foi escolhido por ele, ficando fadado a viver e estabelecer uma dialética dentro desse sistema, sendo essa conjuntura que vai fazer com que se distancie do autêntico passando por um esquecimento do ser e se entificando na perspectiva do Dasein (do ser- ai). Massificado, distanciado de sua essência, das reais e vitais intenções, que suprime suas reais potências, aceita essas condições e vive uma vida inautêntica, e coisificada.

Conclui Martin Heidegger a composição filosófica com a apresentação do existencial ser-para-morte. O Dasein como um ser angustiado que vive sem reflexão tem a sensação de que a vida não vale a pena ser vivida (HAAR, 1990).

A coisificação do ser é caracterizada por uma perda de sentidos e significados, em que não há distinção entre os seres humanos de mesmo gênero, de mesma classe social, de mesma etnia ou de uma mesma faixa etária, não há preocupações com a essência e os sentimentos que constituem cada ser. Esse conceito quando aplicado aos mais velhos considera a todos iguais, frutos de uma mesma temporalidade, com uma mesma ontologia, dentro de um mesmo contexto social, histórico e cultural. Não é levado em

consideração que a velhice, assim como todas as faixas etárias, tem seu caráter fenomenológico, em que cada ser vive, sente e absorve as condições e as circunstâncias do mundo em que está inserido de forma única, de acordo com a sua condição humana no tempo de sua existência (ERBER, p.120. 2003).

Dentro desta perspectiva não é cabível pensar que todas as pessoas mais velhas apresentam dificuldades, e que são as mesmas dificuldades, assim como, medo, desinteresse e limitações ao entrar em contato com as TIC e, não sendo possível também, estabelecer uma ideia central de que todos resistem às inovações e aos avanços tecnológicos.

O envelhecer como parte do processo humano se mostra acompanhado de uma história de vida, e este é um dos aspectos fundamentais da maneira como o ser humano envelhece. Os idosos nas sociedades atuais são, em geral, vistos como “problemas”, um modo que provoca sofrimentos psíquicos pela ausência do reconhecimento da experiência.

Na relação das pessoas mais velhas com as tecnologias de informática e comunicação (TIC), é fundamental que se conheça qual o significado que as tecnologias têm para as pessoas, para que se possa entender as possíveis relações que vêm sendo estabelecidas.

As reflexões sobre o que significa ser velho e como envelhecer bem giram, em torno de concepções da velhice tanto como um processo negativo e homogêneo associado à dependência, ao declínio, à solidão e à morte, quanto como um processo positivo, em que o aumento da longevidade é celebrado, mas no qual os sinais do envelhecimento são amenizados, responsabilizando, unicamente, o próprio indivíduo por seu envelhecimento e pressionando-o ao autocuidado com a saúde e a aparência. Neste contexto, ora se nega e se marginaliza a velhice, ora se valoriza determinado tipo de envelhecimento.

3 - REFLEXÕES DE SIMONE DE BEAUVOIR SOBRE A VELHICE

A filósofa e escritora Simone de Beauvoir (1908-1986), considerada um ícone do feminismo, em seu livro “A Velhice”, publicado em 1970, afirma que a velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso do qual é imoral falar. Beauvoir observa que em todos os campos existe uma vasta literatura tratando sobre a mulher, a criança, o adolescente, entretanto são extremamente raras as menções à velhice fora dos trabalhos especializados, ou seja, "Quebrar a conspiração do silêncio"! (BEAUVOIR, 1970).

A autora acreditava que a sociedade de consumo substituiu uma consciência “infeliz” por uma consciência “feliz” e reprova todo e qualquer sentimento de culpa em relação à velhice. Com isso a velhice deixa de ser apenas culpa e passa a se tornar vergonhosa, tal responsabilidade é dada à própria velhice. E quando se trata de seu aspecto econômico dir-se-ia que os consideram como pertencentes a uma espécie estranha: não experimentam nem as mesmas necessidades, nem os mesmos sentimentos que os outros humanos, já que nos é suficiente conceder-lhes uma mísera esmola para nos considerarmos desobrigados a seu respeito.

Ressalta que economistas e legisladores apoiam tão cômoda ilusão quando lamentam o peso que, para os ativos, representam os inativos. Os empresários têm todo o interesse em destruir a solidariedade entre trabalhadores e inativos de modo que estes não sejam defendidos por ninguém. Mas como disse o escritor e poeta francês Marcel Proust (1871-1922). "É com adolescentes que duram um número suficiente de anos que a vida fabrica velhos" (PROUST, 1913 p.57).

Segundo Beauvoir foi no século II que Galeno (129-199), médico romano, considerado o pai da Anatomia, estabeleceu uma síntese geral da Medicina antiga. Considerou a velhice como um intermediário entre a doença e a saúde. Ela não constituiria exatamente um estudo patológico, contudo, todas as funções fisiológicas do velho se veriam reduzidas e enfraquecidas. A ciência continua imbuída de metafísica. O humanismo tenta lutar contra a tradição, mas não consegue dela se libertar (CALADO, 2014).

No século XVI, Paracelso (1493 – 1541), pseudônimo de Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus Von Hohenheim, médico, alquimista, físico, astrólogo e ocultista suíço-alemão, redigiram suas obras em alemão e não em Latim, por uma questão de modernismo. Teve algumas intuições novas e extraordinárias, porém

mergulhadas em teorias complicadas segundo as quais o homem é um "composto químico" e a velhice, consequência de uma autointoxicação (CALADO, 2014).

Foi a partir de meados do século XIX que a geriatria - ainda não designada desta maneira - começou a realmente existir. Viu-se favorecida na França pela criação de vastos asilos onde se achavam reunidos numerosos velhos. Local onde Jean-Martin Charcot (1825 a 1893), médico e cientista francês; famoso no terreno da psiquiatria e neurologia realizou célebres conferências sobre a velhice, as quais, publicadas em 1886, alcançaram enorme repercussão (CALADO, 2014).

Assim, surgiram então, muitos tratados de higiene, estereotipados e sem interesse. Mas a Medicina Preventiva, de modo geral, cedeu lugar à terapêutica: houve daí por diante, a preocupação de curar os velhos. Com isso, considera-se o médico americano Nascher, Ignatz Leo (1863 – 1944), como sendo o pai da geriatria (CALADO, 2014).

Nascido em Viena foi criança para Nova Iorque onde estudou Medicina. Visitando um asilo em companhia de um grupo de estudantes, ouviu uma velha queixar-se ao professor de diversos distúrbios. Explicou-lhe aquele, que sua doença era a idade avançada. Voltando a Viena, visitou uma casa de velhos; impressionou-se com a longevidade e com excelente estado de saúde dos que ali estavam – ao indagar recebeu a seguinte resposta. “É porque aqui tratamos os pacientes idosos como os pediatras tratam as crianças”, explicaram-lhe os colegas. Aquilo levou Nascher a criar um ramo especial da medicina a que deu o nome de geriatria (CALADO, 2014).

Anos depois os estudos levaram o gerontólogo americano Howell a afirmar que "a senescência não é uma ladeira que todos descem com igual velocidade. É um lance de degraus irregulares pelos quais alguns se despencam mais depressa que outros". Consegue-se habitualmente manter a saúde física do indivíduo enquanto seu espírito conserva equilíbrio e vigor.

Simone de Beauvoir (1970) afirma que para compreender a realidade e o significado da velhice é, portanto, indispensável examinar qual o lugar nela atribuído aos velhos, qual a imagem que deles se tem em diferentes épocas e em diferentes lugares. O que existe de realmente inelutável na condição do velho? Em que medida é a sociedade responsável por isto? Nas sociedades humanas, como em muitas outras espécies a experiência e os conhecimentos acumulados constituem um trunfo para os velhos, em outras eles são frequentemente expulsos da coletividade de maneira mais ou menos brutal.

Todavia, o drama da idade se dá, não no plano sexual, mas sim no econômico. O velho não é, como entre os antropoides, um indivíduo que se tornou incapaz de lutar, mas sim aquele que já não pode trabalhar; uma boca inútil, portanto. Sua condição jamais depende apenas dos dados biológicos: intervêm também fatores culturais Beauvoir (1970).

Para uma pessoa de idade, é muito diferente ser encarado como um fardo ou como alguém integrado em uma comunidade cujos membros respeitam e garantem cuidados aos velhos. O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelas pessoas à existência, é o seu sistema global de valores o papel desempenhando na família pelos homens de idade é um reflexo do que lhes é conferido pelo estado Beauvoir (1970).

Nos países capitalistas, como o Brasil, se leva em conta exclusivamente o interesse da economia, isto é, do capital, e não o dos indivíduos. Eliminados do mercado de trabalho, os aposentados constituem um encargo que as sociedades baseadas no lucro assumem de maneira mesquinha. O atual governo brasileiro, ao retirar do Ministério do Trabalho a Previdência Social e transformá-la em uma secretaria subordinada ao Ministério da Fazenda, bem como o teor de suas propostas de reforma, deixa claro que a sua concepção de aposentadorias, é antes de tudo, um problema financeiro.

Uma solução proposta por Beauvoir seria permitir aos trabalhadores que continuassem ativos enquanto pudessem, garantindo-lhes, em seguida, uma aposentadoria decente. Mas as democracias burguesas, quando tiram do indivíduo a possibilidade de trabalhar condenam a maioria deles a miséria.

Para Patterson (1999) a priori, os empregadores se acautelam contra as pessoas de idade: este fato se torna incontestável quando se examinam as ofertas de empregos. Não existe diferença muito acentuada entre as possibilidades de um homem de 60 anos e as de um de 50. A força muscular chega ao máximo aos 27 anos; aos 60, estão 16,5% reduzida, isto é, só perdeu 7% com relação às pessoas de 48 a 52 anos. Quanto à habilidade manual, pouco varia dos 15 aos 50 anos. Entre os 60 e 69 anos, o tempo requerido para a execução aumenta 15%.

Durante o congresso de gerontologia realizado em Londres em 1954, os relatores, Patterson, Reid (2002), concluíram, comparando os trabalhadores de 60 anos aos mais jovens: "Seu rendimento quantitativo é quase o mesmo e seu trabalho é de melhor qualidade...". Por outro lado, um inquérito efetuado sobre 18 000 empregados revelou que, em vez de aumentar, o número de faltas ao trabalho diminui com a idade.

O advento do progresso tecnológico vai desqualificando, cada vez mais, o velho operário; sua formação profissional, realizada há quarenta anos, é geralmente insuficiente; uma atualização conveniente poderia melhorá-la. Por outro lado, a doença e o cansaço o fazem ansiar pelo repouso: não há aí nenhuma consequência direta de senescência, e sim, com a história de vida de cada um, e que lhe fez cada vez mais singular.

Beauvoir (1970) ressalta que a sociedade, tal como é, impõe uma escolha monstruosa: devem-se sacrificar milhões de jovens ou permitir que milhões de velhos vegetem miseravelmente. Todo mundo está de acordo em rejeitar a primeira solução: resta, portanto, a segunda. Não se trata somente dos hospitais e dos asilos: a sociedade toda constitui para o velho um imenso "morredor". A tragédia da velhice representa a condenação radical de um sistema de vida mutilador: um sistema que não oferece à imensa maioria de seus componentes o menor incentivo para viverem. O trabalho e o cansaço mascaram esta ausência, mas ela se revela no momento da aposentadoria. É muito mais grave que o tédio. Ao se tornar velho, o trabalhador já não encontra lugar na Terra porque, a realidade, nunca lhe foi concedido lugar algum: ele, simplesmente, ainda não havia tido tempo de percebê-lo. Ao descobri-lo, mergulha numa espécie de desespero "amalucado".

Beauvoir (1970) aborda de forma política-histórico-antropológica e filosófica como era e como é o viver nas diversas sociedades que possuem ou não registros históricos, sejam eles escritos ou repassados através da cultura popular. A autora buscou trazer uma consciência política através de menções aos estatutos estabelecidos nas várias sociedades existentes: desde as sociedades conhecidas através dos mitos e lendas, concluindo com a contemporaneidade do século XX, ao mesmo tempo em que nos leva a refletir sobre as singularidades do percurso da vida humana, até a velhice.

Nessa viagem histórica, temos que nas sociedades da Antiguidade, os indivíduos com idade avançada eram tidos como seres superiores, seres que estavam no limite entre o humano e o sobrenatural, ao qual todo o restante da população devia o profundo respeito, e também, os que eram consultados para a tomada de decisões sobre os posicionamentos políticos.

Os idosos permaneceram nessa posição de detentor da sabedoria e de máxima experiência até o despontar da era de intenso fervor e desenvolvimento industrial. Com a Revolução Industrial, deixou de ser interessante para os grandes empresários ter

sugerido possuíam grande capacidade de qualidade de trabalho, mas pouca produtividade.

Esses eventos acima citados vieram como forma de legitimação do modelo capitalista de controle econômico que, refletiu no modelo político neoliberal sob o qual vivemos atualmente. Este modelo político-econômico teve seu pontapé inicial com a formação dos burgos, na Idade Média, fez concretizar dentro das sociedades a denominada classe média.

Nesse cenário refletiu outro modo de se ver a velhice à medida que se tornou “proibido” envelhecer: desde as civilizações da Mesopotâmia, os indivíduos se deslumbravam na busca pela fonte da juventude ou pela magia que assegurasse a vida eterna. No campo da Medicina, vários cientistas buscaram formas de explicar a senescência, seja por razões biológicas (diminuição do metabolismo e atrofia dos órgãos), seja caracterizando o avançar da idade como já sendo "a patologia". Do sinergismo entre o contexto político e o conceito biológico determinado para o idoso, este foi obrigado a cada vez mais se afastar da vida produtiva.

Com isso, ocorreu um crescimento da parcela da população com idade avançada, havendo a necessidade de se instituir medidas que garantissem um mínimo de recursos financeiros para garantir a sobrevivência destas pessoas.

Foi quando surgiram os primórdios do que chamamos atualmente de aposentadoria. É quando o indivíduo se vê na condição de sexagenário, o Estado deve se responsabilizar pelo seu provimento financeiro, e isso deve ocorrer mesmo quando já houver uma boa estrutura familiar. Sendo, portanto, o Estado que faz o papel do respaldo familiar a nível nacional, ou seja, ele deve assegurar que as pessoas em geral, independente de terem família ou não, consigam sobreviver minimamente, tendo plena, idoneidade para obter seus Direitos garantidos por lei e plena capacidade para exercer seus deveres.

Simone de Beauvoir procurou refletir sobre a exclusão dos idosos em sua sociedade, mas do ponto de vista de que sabia que iria se tornar um deles, como quem pensava o próprio destino. Para ela, um dos problemas da sociedade capitalista está no fato de que cada indivíduo percebe as outras pessoas como meio para a realização de suas necessidades: proteção, riqueza, prazer, dominação. Desta forma, nos relacionamos com outras pessoas priorizando nossos desejos, pouco compreendendo e valorizando suas necessidades.

Esse processo aparece com nitidez em nossa relação com os mais velhos. Em seu livro, a pensadora demonstra que há uma duplicidade nas relações que os mais jovens têm com os velhos, uma vez que, na maioria das vezes, mesmo sendo respeitado por sua condição de pai ou de mãe, trata-se o velho como uma espécie de ser inferior, tirando dele suas responsabilidades ou encarando-o como, incapaz de sobreviver, de forma independente, principalmente com o avanço das tecnologias de informática e comunicação às quais se instalaram em todos os seguimentos da vida diária das sociedades modernas e exigem aprendizado cognitivo para saber lidar com as mesmas.

Neste aspecto as pessoas mais velhas estão sendo vistas, pelos mais jovens, de forma homogênea, onde todas não apresentam condições necessárias para interagir com as ferramentas tecnológicas e por não ser “coisa do seu tempo”, com isso, não manifestam interesse em fazerem parte da sociedade da informação. Sem, contudo negar que a maioria dos idosos enfrenta dificuldades ante organizações e interpretações da informação ocasionadas por um declínio na capacidade em reconhecer objetos possivelmente fragmentados ou mesmo incompleta (RYBASH, 1995).

Para Beauvoir quando não se respeita uma pessoa em sua integridade emocional, intelectual e material, ela é excluída da sociedade pelos governantes, pelas instituições, pelas famílias, pelas pessoas em geral. Além do desamparo quanto às condições materiais, a desconsideração para com as opiniões, capacidades e emoções destes, também, deve ser analisada a superação das condições de humilhação sofrida por eles em nossa sociedade.

Para os jovens, nascidos numa época digital, é extremamente simples o estabelecimento de uma relação íntima de identificação, com estas ferramentas. Contudo, e segundo estudos de Kachar (2006), muitos das pessoas mais velhas têm manifestado uma dificuldade enorme em compreender e acompanhar esta nova realidade, sentindo-se imediatamente excluídos e à margem da evolução (KACHAR, 2006).

Para isso, grupo de estudos como o de Kachar (2006), Mariz e Gico (2009) e Sei (2009) relatam uma série de estratégias que podem ser adotadas durante o ensino das TIC a essa população: turmas menores; preferencialmente um aluno por computador; boa iluminação da sala; tamanho e iluminação do monitor; teclado e mouse com design especial; tipos de letra grandes; começar por jogos e atividades lúdicas; utilizar experiências de vida de cada um; preparar material de apoio com caracteres grandes e fortes; respeitar o ritmo individual do aluno; partir de situações contextualizadas;

efetuar atividades de repetição; seguir etapas gradativas de aprendizagem; efetuar frequentes pausas no fluxo das aulas.

Os velhos provocam escândalo quando manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações dos jovens; o amor e o ciúme, neles, parecem ridículos ou desprezíveis, a sexualidade é repugnante, a violência causa riso ou zombaria. Pode-se, portanto, sem o menor escrúpulo, negar-lhes o mínimo considerado necessário a uma vida de homem. O adulto se comporta como se não devesse nunca envelhecer. A velhice surge como uma desgraça: mesmo entre os indivíduos considerados bem conservados, a decadência física por ela acarretada patenteia-se à vista de todos, pois são na espécie humana que são mais espetaculares as alterações provocadas pelos anos (BEUVOIR, 1970). Permanecemos incrédulos diante da imagem que, para nosso futuro, nos propõem as pessoas idosas; dentro de nós, uma voz fica a murmurar de maneira absurda que aquilo não acontecerá conosco: quando acontecer, já não seremos mais nós mesmos.

Antes de desabar sobre nós, a velhice é coisa que só diz respeito aos outros. Pode-se, assim, compreender que a sociedade consiga evitar que enxerguemos como semelhantes nossos, os velhos. Este desvalimento denuncia o sistema de exploração em que vivemos. O velho incapaz de prover a suas necessidades representa sempre uma carga. Entretanto, nas coletividades onde predomina certa igualdade, embora a contragosto, o homem maduro se dá conta de que amanhã sua condição será a mesma que ele hoje atribui ao velho (BEUVOIR, 1970).

O cuidado em longo prazo já não funciona no mundo capitalista: os privilegiados, que decidem o destino das massas, não receiam ter de compartilhá-lo. A economia baseia-se no lucro, é praticamente a ele que está subordinada toda a civilização: o material humano só desperta interesse na medida em que pode ser produtivo. É, em seguida, rejeitado. Com isso, querem afirmar que a aposentadoria constitui a época de liberdade e de lazer. Mentiras deslavadas. A sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um padrão de vida tão miserável que a expressão “velha e pobre” quase chega a ser pleonismo; e vice-versa, a maior parte dos indigentes é constituída de velhos (BEUVOIR, 1970).

Os lazeres não oferecem possibilidades novas ao aposentado: na hora em que se vê liberado de constrangimentos, roubam-se ao indivíduo os meios de utilizar sua liberdade. Condenam-no a vegetar na solidão e no tédio, como um legítimo refugio. O fato de ser um homem reduzido à condição de "sobra", de "resto", durante os últimos quinze ou vinte anos de sua existência, comprova a falência de nossa civilização:

semelhante evidência nos deixaria interditos se considerássemos os velhos como seres humanos, tendo às suas costas uma existência humana, e não como “cadáveres ambulantes”.

Aqueles que denunciam este nosso sistema mutilador deveriam chamar a atenção para semelhante escândalo. Só se consegue abalar uma sociedade através de uma concentração de esforços na questão do destino dos menos favorecidos. Exigir que os homens permanecessem homens quando avançados em anos implicaria uma transformação radical.

É impossível chegar a este resultado através de algumas reformas restritas que deixem o sistema intacto: é a exploração dos trabalhadores, reduzidos a um corpo fragmentado da sociedade, expostos à miséria de uma cultura a favor dos que mandam e que levam a essas velhices desumanizadas.

A sociedade determina o lugar e o papel do velho, levando em conta suas idiossincrasias individuais: sua impotência, sua experiência; reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade a seu respeito. Embora seja a velhice, na sua qualidade de destino biológico, uma realidade transhistórica, ainda assim subsiste o fato de que este destino é vivido de maneira variável, segundo o contexto social. Inversamente, o sentido ou o contrassenso que reveste a velhice no seio de uma sociedade, coloca toda esta sociedade em questão, visto que, através dela, se desvenda o sentido ou o contrassenso de toda a vida anterior.

4 - O MÉTODO: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

A Revisão Integrativa (RI) realizada visou estabelecer um diálogo entre os estudos e pesquisas relativos à temática sobre a Inserção de Pessoas Mais Velhas no mundo das Tecnologias de Informática e Comunicação, e uma visão fenomenológica existencial, sintetizando os resultados obtidos de maneira sistemática e abrangente para “integrar” um corpo de conhecimento mais completo.

Botelho, Cunha e Macedo (2011, p.133) enfatizam que o método da revisão integrativa pode ser “incorporado às pesquisas realizadas em diversas áreas do saber, além das áreas da saúde, organizações e da educação”, pelo fato deste método viabilizar a capacidade de sistematização do conhecimento científico de forma que o pesquisador aproxime-se da problemática que deseja estudar, traçando um panorama sobre sua produção científica para conhecer a evolução do tema ao longo do tempo, dentro de um período predeterminado e, com isso, visualizar possíveis oportunidades de pesquisa.

Assim, segundo os autores, esse procedimento deve ser escolhido quando se pretende obter “informações que possibilitem aos leitores avaliarem a relação dos procedimentos empregados na prática, bem como na elaboração da revisão” (BOTELHO, CUNHA e MACEDO, 2011, p.133).

Esse método de pesquisa permite a busca, a avaliação crítica e a síntese dos estudos disponíveis de um tema investigado, tendo como produto final o reconhecimento do assunto em questão, produzido por meio de várias metodologias (ERCOLE et.al., 2014).

Dessa forma, é fundamental diferenciá-la de outras linhas de estudos existentes no âmbito da revisão de literatura, como: Revisão Sistemática, que implica na "aplicação de estratégias científicas que limitam o viés na construção sistemática, na avaliação crítica e na síntese de todos os estudos relevantes sobre um tema específico" (COOK et al., 1995).

O processo de elaboração da revisão integrativa se inicia com a definição de um problema e a formulação de uma questão de pesquisa. Assim, definimos o tema e formulamos o problema de pesquisa como sendo “As teorias formuladas com base nas pesquisas empíricas sobre a inserção de idosos no universo das TICs, estão levando em consideração o caráter fenomenológico do idoso que está vivenciando essa experiência”? As demais etapas propostas pelo o método de Revisão Integrativa de Literatura foram desenvolvidas como previstas: a segunda etapa relacionada ao

estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou busca na literatura se desenvolveu como segue:

- Critérios de Inclusão: trabalhos científicos nacionais, como: artigos derivados de pesquisas empíricas realizadas com pessoas na faixa etária de 60 a 70 anos, publicado no período de 2006 a 2016 em idioma português, e de orientação metodológica qualitativa, quantitativa e quali- quantitativa.
- Critério de Exclusão: foram eliminados trabalhos como: monografias, dissertação, teses, livros e revistas não científicas, publicações fora do período aqui definido, em idiomas estrangeiros, pesquisas desenvolvidas com outras faixas etárias e em outras orientações metodológicas.
- Para a busca do material foi realizada um levantamento nas seguintes bases de dados: LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (<http://www.bireme.br>); SciELO - Scientific Electronic Library Online (<http://www.scielo.br>); e GOOGLE ACADÊMICO (<http://scholar.google.com.br/>).

Na terceira etapa foram elaborados 2 (dois) quadros, 1 (um) para coleta de dados com o objetivo de armazenar informações de cada artigo; outro para as análises. Os artigos foram codificados por meio dos grupos de descritores: inserção no mundo digital de pessoas na faixa etária de 60 a 70 anos; Inserção de Idosos no mundo das TIC; “Relação idosos e as TIC”; “A utilização das TIC por pessoas mais velhas”; “*Inclusão de Idosos no mundo digital*”; “*Idosos na internet*”.

QUADRO Nº 1 – COLETA DE DADOS

1 – Título;	
2 – Autores;	
3 – Base de Dados;	
4 – Fonte;	
5 – Tipo de Publicação;	
6 – Ano;	
7 – Área Temática;	
8 – Objetivo da Pesquisa;	
9 – Tipo de Pesquisa;	
10 – Método;	
11 – Resultados e Conclusões;	
12 – Faixa Etária dos Participantes;	
13 - Gênero de Maior Predominância.	


Fonte: autora

A quarta etapa consiste na avaliação dos estudos. Baseou-se na leitura dos resumos e na aplicação dos critérios de inclusão/exclusão. De posse dos artigos selecionados e a partir da leitura na íntegra dos mesmos procedemos à análise e elaboramos seis categorias e suas respectivas subcategorias, o que nos permitiu construir um panorama acerca das características, tendências, semelhanças e diferenças entre os trabalhos.

A quinta e a sexta etapas se referirem à interpretação dos resultados e apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

As buscas tiveram como resultado um total 34 (trinta e quatro) trabalhos publicados ao longo do período: 2006 a 2016. Deste universo foram selecionados 16 (dezesesseis) artigos que apresentam conteúdo compatível com a temática.

QUADRO 2 – ARTIGOS ANALISADOS.

1. A inserção de idosos do Instituto Henrique da Silva Semente (IHSS) no município de Indaiatuba/SP na era digital: contribuições fisiogerontológicas		
AUTOR	FONTES	ANO
Eliana Carvalho ¹ Rodrigo Caetano Arantes ² , Angélica Sartori Rossi Cintra ³	Rev. bras. geriatr. gerontol. vol.19 no.4 Rio de Janeiro July/Aug. 2016	2014
		
2. A Utilização das TIC e o Autoconceito, o Ânimo e a Qualidade de vida dos Cidadãos Senior: Que relação?		
Sônia de Almeida Ferreira & Ana Carla Torres .	PRISMA.COM n.º 23 ISSN: 1646 – 3153	2014

3. Diagnóstico do Acesso à Internet por Idosos em Campos dos Goytacazes: subsídio para elaboração de políticas de inclusão digital.

AUTOR	FONTE	ANO
Karla Rangel Ribeiro & Viviane Rangel Ribeiro Manhães	Revista Científica Interdisciplinar. ISSN: Nº 4,volume 2,10 e 12/ 2015	2014



4. Educação Gerontológica: um processo de aprendizagem mediado pela informática?

Michele Marinho daSilveira ¹ , DaianaArgenta Kumpel ² , Josemara de Paula Rocha ³ , MarlonFrancys Vidmar ⁴ , Lia Mara Wibelinger ⁵ , Adriano Pasqualotti ⁶ , ElianeLucia Colussi ⁷	PRISMA.COM n.º 23 ISSN: 1646 – 3153	2014
---	-------------------------------------	------

5 - Efeito Moderador do Nível de Escolaridade sobre as Dificuldades e Barreiras na utilização dos Terminais de Autoatendimento Bancário entre os Idosos.

AUTOR	FONTE	ANO
Íris Linhares Pimenta Anatália Saraiva Martins Ramos	Revista Movendo Ideias Vol. 17 n. 2 jul. a dez. de 2010 ISSN 1517 – 199X	2009



6. Facebook potenciais sociotécnicos e educacionais, espaço de subjetivação, sociabilidade e diferença o idoso no Facebook: sociabilidade e encontro geracional. ?

Ana Regina MessiasColussi ⁷	Eduepb – Editora da Universidade do Estado da Paraíba	2014
--	---	------

7 - Inclusão Digital e a Informática na Terceira Idade		
AUTOR	FONTE	ANO
Eduardo Davi Wilhelm – Centro Universitário Feevale	V Simpósio de Informática da Região Centro, 2006 - sirc. unifra.br	2006

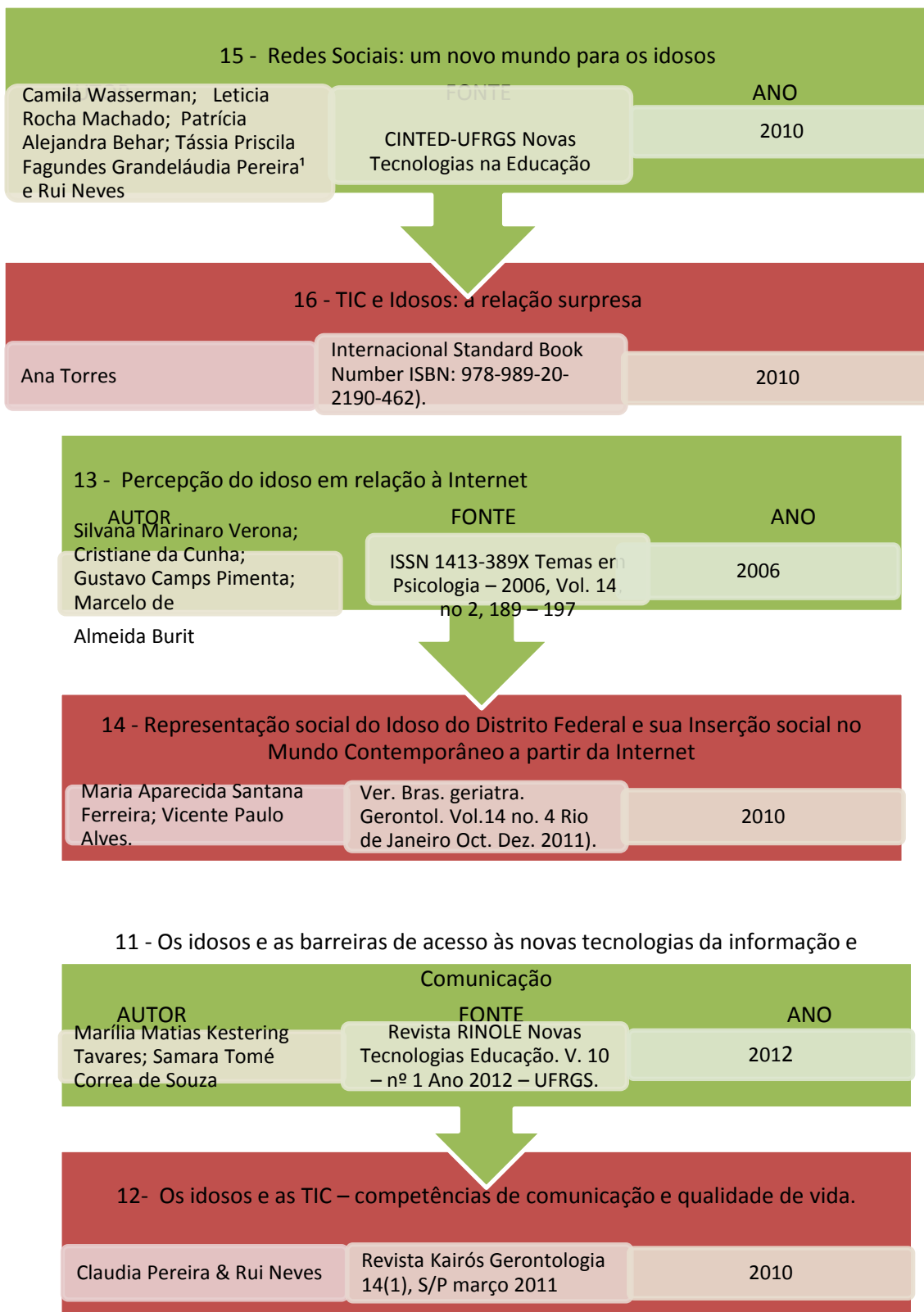


8 - Mídias sociais Digitais e a terceira Idade: em busca de uma ferramenta para a promoção da saúde .		
Ivania Skura; Ana Paula Machado Velho; Claudia Cristina Batistela Francisco; Terezinha Gomes	Revista Kairós Gerontologia,16(4), pp.237-249. São Paulo (SP), Brasil: SP.	2013

9 - O Contributo das TIC para a Qualidade de Vida de pessoas idosas		
AUTOR	FONTE	ANO
Cláudia Pereira ¹ e Rui Neves	DIM: Didáctica, Innovación y Multimedia Ajuda da revista, nº35 Mar/2017	2013



10 - O Uso do Computador e da Internet e a participação em cursos de informática por Idosos: meios digitais, finalidades sociais		
Maristela Compagnoni Vieira, Dra. Lucila Maria Costi Santarosa	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO – (SBIE).	2009



Fonte: autora

Os títulos selecionados são os que mais se aproximaram da temática e dos objetivos dessa revisão, sendo que os temas de maior interesse se relacionam a aprendizagem das pessoas mais velhas na utilização dos equipamentos eletrônicos. O que será melhor explanado na 3ª categoria de análise denominada “temas de maior interesse”.

5 - RESULTADOS

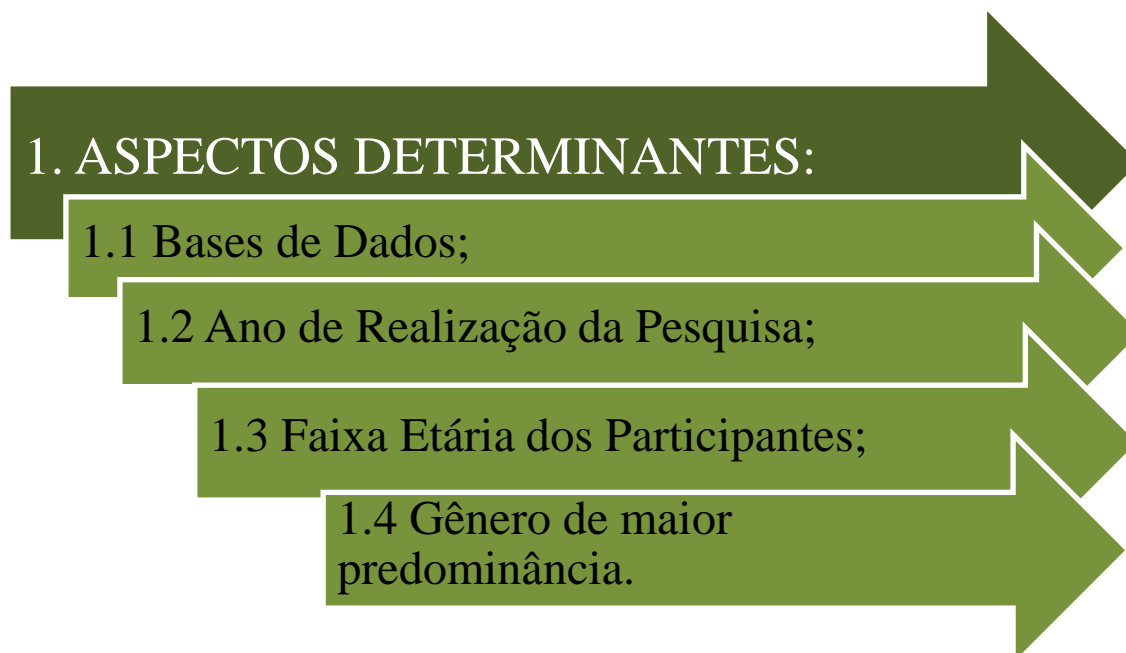
A análise dos artigos selecionados foi organizada em cinco categorias: A primeira denominada de Aspectos Determinantes a qual se refere às informações sobre a estrutura da revisão, tais como: 1) Bases de Dados; 2) Ano de Realização da Pesquisa; 3) Faixa Etária dos Participantes das Pesquisas; 4) Gênero de maior predominância nas pesquisas. A segunda categoria agrupa os temas de maior interesse entre os autores dos artigos revisados; a terceira se ocupa dos paradigmas metodológicos mais utilizados nas pesquisas empíricas; a quarta categoria apresenta as áreas de conhecimento que mais realizou pesquisas nesta temática e a quinta categoria traz as conclusões de maior incidência que os autores chegaram.

Para melhor representação das Categorias de Análise, as mesmas estão dispostas em figuras, como segue.

1ª CATEGORIA: Aspectos Determinantes:

- 1) Bases de Dados;
- 2) Ano de Realização da Pesquisa;
- 3) Faixa Etária dos Participantes das Pesquisas;
- 4) Gênero de maior predominância nas pesquisas.

FIGURA – 1,



Fonte: autora.

5.1.1 - Base de Dados

TABELA – 1.

Bases de Dados	Quant. de Trabalhos
Biblioteca Virtual de Saúde e Psicologia - BVS-Psi	00
Google Acadêmico	07
LILACS	03
SciELO	06
TOTAL	16

Fonte: autora.

Entre os 16 (dezesseis) estudos selecionados, 07 (sete) trabalhos foram publicados nas Bases do Google Acadêmico, correspondente a 43,75%. (CARVALHO, *et. al*, 2014; RIBEIRO, *et. al*, 2014; SILVEIRA *et. al*, 2014; ARGENTA *et. al*, 2006, LINHARES, 2009; MESSIAS, 2014; WILHELM, 2006).

Na base de dados Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde - LILACS foram localizados 03 (três) artigos correspondentes a

18,75%. A LILACS é o mais importante e abrangente índice da literatura científica e técnica da América Latina e Caribe. Há 31 anos contribuindo para o aumento da visibilidade, acesso e qualidade da informação em saúde (COMPAGNONI *et al.* 2009; NEVES, *et al.* 2010, TAVARES, *et al.* 2012).

No Scientific Electronic Library Online - SciELO foram encontrados um total de 06 (seis) artigos, correspondente a 37,5 % do universo revisado (Ferreira, *et al.* 2010; Pereira, *et al.* 2010; Skura, *et al.* .2013; Verona, *et al.* 2006; Wasserman, *et al.* 2010; Torres, 2014).

Na base de dados de Periódicos Eletrônicos em Psicologia – Pepsic não foram encontrados nenhum artigo compatível com os objetivos dessa temática. Hipotetizo que este dado indica a falta de interesse da psicologia em relação ao tema, o que posteriormente foi também confirmado na categoria que demonstra as áreas de conhecimento científico de maior produção nesta temática.

5.1.2 Ano de Realização das Pesquisas.

TABELA – 2.

Ano de Realização da Pesquisa	Quantidade de Trabalhos
2010	04
2014	04
2006	02
2012	02
2009	01
2013	01
2015	01
2016	01
TOTAL	16

Fonte: autora

Os anos em que mais publicações foram veiculadas são os anos de 2010 e de 2014, cada um contabilizando quatro trabalhos, correspondente a 50% do total de 16 artigos analisados. (ALVES, *et al.*, 2010; GRANDE, 2010; PEREIRA, *et. al.* 2010; NEVES, *et al.*, 2010; CARVALHO, *et al.* 2014; FERREIRA *et al.* 2014; RIBEIRO *et al.* 2014; MESSIAS, 2014).

Em seguida estão os anos de 2006, 2009 e 2012, que apresentaram 02 artigos cada, totalizando 06 trabalhos, correspondente a 37,5% do todo (CARVALHO, *et al.* 2006; SILVEIRA *et al.* 2006; COMPAGNONI, *et al.* 2009; PIMENTA, *et al.* 2009; TAVARES, *et al.* 2012; FERREIRA, *et al.* 2012).

Os anos de, 2011, 2013 e 2016 foi identificado 01 trabalho em cada ano, completando 04 artigos, o que corresponde, a mais, 25 % do universo trabalhado (TAVARES, *et al.* 2011 ; SKURA, *et al.*, 2013).

Nos anos de 2007, 2008 e 2011, não foi encontrado nenhum artigo publicado derivado de pesquisa científica empírica dentro desse do tema revisado.

5.3- Faixa Etária dos Participantes das Pesquisas.

TABELA – 3.

Faixa Etária	Nº de Pesquisas
De 60 a 65 anos	06
De 66 a 70 anos	10
TOTAL	16

Fonte: autora.

A faixa de idade mais avançada: de 66 a 70 anos foi a que apareceu com maior número de participantes nas pesquisas, dez pesquisas, o que corresponde a 62,5% do total de pesquisas revisadas, enquanto a faixa etária de menor idade (60 a 65 anos) apresenta 06 pesquisas, o que corresponde a 37,5% deste universo (NEVES, et al, 2010; CARVALHO, et al. 2014; PIMENTA, et al. 2009; TAVARES, et al. 2012).

As faixas etárias dos participantes que fizeram parte das pesquisas estão vinculadas ao fato de que maioria foi realizada em grupos de instituições que desenvolvem trabalhos pra faixas etárias camadas de Terceira Idade, Idoso ou, Melhor Idade, as quais para cada nomenclatura são estabelecidas as faixas

etárias como podem observar algumas terminologias elaboradas pela Organização Mundial de Saúde – (OMS) e pela Constituição Brasileira;

Terceira idade é a fase da vida que começa aos 60 anos nos países em desenvolvimento e aos 65 anos nos países desenvolvidos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS).

A terceira idade caracteriza-se por mudanças físicas em todo o organismo do indivíduo, alterando suas funções e comportamentos, percepções, sentimentos, pensamentos, ações e reações.

Há também alterações dos papéis sociais que resultam das mudanças bio-psicológicas relacionadas ao avanço da idade.

A Constituição Federal Brasileira menciona a terceira idade com início aos 65 anos, enquanto que o Código Penal Brasileiro refere à idade de 70 anos. Ambos divergem do limite de 60 anos que consta na Política Nacional do Idoso (PNI, 1994).

Os geriatras, sob o ponto de vista biológico classificam os idosos em 03 divisões: Idoso jovem: 66 - 74 anos; Idoso velho: 75 - 85 anos; Manutenção pessoal: 86 anos em diante (PEIXOTO. 1998).

De acordo com essas classificações podemos dizer que o critério de inclusão utilizado na pesquisa, no que se refere idade pode ser considerado como terceira idade e/ou idoso jovem. O termo "Terceira Idade" foi criado pelo gerontologista francês Huet, cujo início cronológico coincide com a aposentadoria (entre 60 e 65 anos) Laslett (1987).

Estes momentos não são estanques, pois isso seria ter uma visão positivista do ciclo da vida. “Envelhecer nos dias de hoje não é exceção é regra” (KAMATSU, 1996, p.7)

O envelhecer humano ocorre, portanto, em diferentes dimensões (biológica, social, psicológica, econômica, jurídica, política) e depende de diversos fatores ocorridos nas fases anteriores da vida, como as experiências vividas na família, na escola ou em outras instituições. Assim, a velhice não comporta um único conceito, uma vez que a idade cronológica pode não ser idêntica à idade biológica e social do indivíduo.

Para Heidegger (2005, parte II) a temporalidade esta ligada à finitude do homem no mundo, pois desde que nasce ele já é suficientemente velho para morrer. A morte atravessa a existência e está “inacabada” ao final da jornada. Assim, também, entendo que a longevidade esta vinculada ao envelhecer.

5.1.4 Gênero de Maior Predominância nas Pesquisas

TABELA – 4.

Gênero de Maior Predominância nas Pesquisas	Nº de Pesquisas.
Feminino	07
Masculino	05
Não informou	04
TOTAL	16

Fonte: autora

Na faixa etária trabalhada nesta revisão o gênero feminino foi a que apareceu em maior quantidade entre os participantes de 07 (sete) pesquisas, correspondendo a 43,75%; o gênero masculino apareceu como predominante em 05 (cinco) pesquisas, correspondente a 31,25% do universo trabalhos em

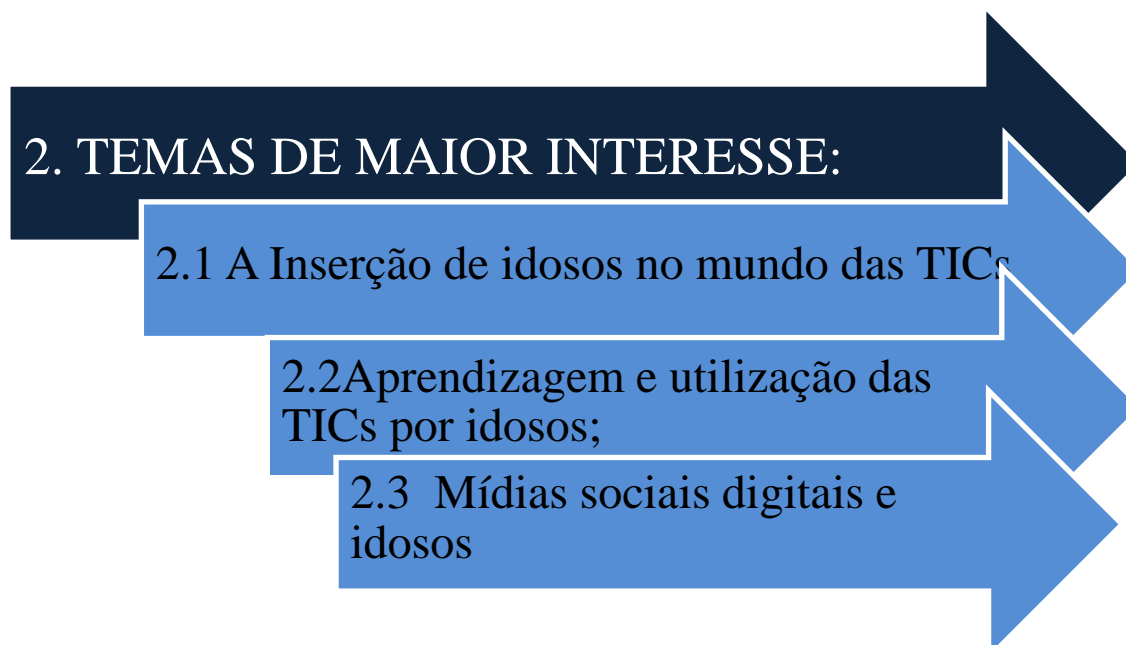
que os autores não informaram qual o gênero predominante na pesquisa foi 04 (quatro) correspondem a 25% do total de trabalhos (COMPAGNONI, *et al.* 2009; MESSIAS, 2014; NEVES, *et al.*, 2010; SKURA, *et al.*, 2013).

A predominância de mulheres confirma a chamada “*feminilização da velhice*”, (FERNANDES, 2010).

A análise permitiu observar uma limitada abordagem da velhice, com predominância da presença do gênero feminino na maioria das pesquisas nesta faixa etária ligada a fatores, de modo geral, orgânicos tais como a proteção cardiovascular pelos hormônios femininos, bem como, por circunstâncias fenomenológicas existenciais tais como a adoção de condutas menos agressiva no dia a dia, a menor exposição a risco no trabalho além de terem uma maior preocupação com a saúde (BRAGA; LAUTERT, 2004; SANTOS *et. al.*, 2002).

5.2ª CATEGORIA: Temas de Maior Interesse

Figura 2



Fonte: autora

5.2ª CATEGORIA: Temas de Maior Interesse

TABELA – 5

Temas	Nº de Artigos
A Inserção de idosos no mundo das TICs.	06
A Aprendizagem e utilização das TICs por idosos	03
Mídias sociais digitais e idosos	02
TOTAL	16

Fonte: autora

Entre os temas de interesse pelos pesquisadores o de maior incidência foi à inserção da pessoa idosa no mundo das TICs, o mesmo

aparece de forma clara em 06 (seis) pesquisas, correspondendo a 37% do total de artigos revisados. Percebeu-se que “A Inclusão de Pessoas Mais Velhas no Mundo das Tecnologias de Informática e Comunicação” ainda causa certa “admiração”, ou seja, o fato de pessoas de idade mais avançada se relacionarem por meios das redes sociais, ou de saber operar, sem embaraços, um equipamento eletrônico que exija habilidades cognitivas e motoras mais elaboradas.

Para Kachar (2003), com o avanço da idade, as perdas cognitivas dos idosos influenciam na absorção de conhecimento; todavia, o declínio de algumas atividades não inviabiliza a apropriação e o domínio do recurso tecnológico, apenas exige um contexto educacional específico que atenda às específicas condições de aprender.

É importante ressaltar que:

O idoso é capaz de aprender, como também de se adaptar às novas condições e exigências da vida. Apenas deve ser respeitado o seu ritmo individual que, muitas vezes pode evidenciar-se mais lento do que na juventude. Ritmo diferenciado não se identifica com incapacidade (Oliveira, 2001, p.26).

É necessário aceitar que o processo de interação com as TIC's ocorre de formas variadas, de acordo com a individualidade de cada sujeito. Cada um, a sua maneira, experimenta a vivência da inclusão digital de forma diferente, o que reforça a importância da compreensão fenomenológica da inclusão e da realidade de cada indivíduo.

O tema que, também, se encontrou presente nos interesses dos pesquisadores e que apareceu em três trabalhos, correspondente a 18,75% de trabalhos dessa revisão, foi como os mais velhos vivenciam a aprendizagem digital e adquirem condições necessárias para lidar com equipamentos

eletrônicos no dia-a-dia, de forma independente. Sendo que, o que causa maior interesse é conhecer as condições que facilitam e dificultam o aprendizado do uso dos aparelhos. São estudos, cuja problemática se volta para a compreensão do fenômeno da capacidade de aprendizagem dessas pessoas em aprender coisas totalmente novas e necessárias para a realização de sua vida diária (ALMEIDA, *te al.* 2014; CARVALHO *et al.* 2006; FERREIRA, *te al.* 2014; SANTAROSA, *et al.* 2009; SILVEIRA *te al.* 2006).

O Uso das Mídias Sociais Atuais pelas pessoas mais velhas apareceu em dois trabalhos, o que refere a 12,5% dos estudos dentro da temática de inserção dos mais velhos no mundo digital. São estudos que ressaltam a percepção de que essa população contribui para o desenvolvimento da sociedade, o que tem despertado o interesse no meio científico para a relação destes sujeitos com as novas tecnologias buscando entender as consequências positivas e negativas que a inserção da tecnologia acarreta na vida destes sujeitos e, isso se apresenta como um desafio instigante para os estudiosos. (BATISTELA, *et al.* 2013; BEHAR, *et al.* 2010; TAVARES, *et al.* 2012; VIEIRA, *et al.* 2009).

Castells (1999) apresenta um panorama das implicações das TICs sobre as estruturas sociais, apontando a influência da tecnologia no setor financeiro, nas empresas, no processo de trabalho e nas relações humanas. Sobre a cultura da virtualidade, o autor descreve o surgimento de novas formas de comunicação que, com a internet, possibilitam que escrita, imagem e sons sejam reunidos em um único ambiente e ao alcance do mundo inteiro, rompendo com barreiras de tempo e espaço geográfico. O autor afirma, também, que com a expansão da rede surgem cada vez mais estudos sobre

seu impacto no dia a dia das pessoas, discutindo questões como a influência da internet na sociabilidade dos sujeitos em geral e dos mais velhos.

5.3ª CATEGORIA: Paradigmas Metodológicos

3. PARADIGMAS METODOLÓGICOS:



3.1 Pesquisa Quali-quantitativa;

3.2 Pesquisa Qualitaiva;

3.3 Pesquisa Quantitativa;

3.4 Sem uso de instrumentos; Com uso de inst.

Fonte: autora

3ª CATEGORIA: Paradigmas Metodológicos

TABELA - 6

MÉTODO	USO DE INST. DE COLETA DE DADOS	QUANT. DE ARTIGOS
Pesquisa Quali-quantitativa	Sem uso de Inst.	07
	Com uso de Inst.	01
Pesquisa Qualitativa	Sem uso de Inst.	02
	Com uso de Inst.	03
Pesquisa quantitativa	Sem uso Inst.	02
	Com uso de Inst.	01
TOTAL		16

Fonte: autora

O método qualiquantitativo foi o que mais apareceu nas pesquisas com 8 (oito) pesquisas, referentes a 43,75%. O método qualitativo com uso de instrumento de coleta de dados com roteiro de entrevista estruturado aparece em 03 (três) pesquisas, correspondentes a 18,75%. Os métodos qualitativo e quantitativo, sem uso de instrumentos de coleta de dados, foram encontrados em 2 (dois) trabalhos, totalizando 12,5% para cada um.

Os métodos quantitativos e qualiquantitativo com uso de instrumento de coleta de dados como roteiros de entrevista fechados foi encontrado 1 (um) trabalho para cada um dos métodos, referente a 6,25% para cada um

(CARVALHO, *et al.* 2014; COLUSSI, *et al.* 2006; COMPAGNONI, *et al.* 2009; RAMOS, *et al.* 2009; WILHELM, *et al.* 2006).

5.4ª CATEGORIA: Áreas de Conhecimento

4. ÁREAS DE CONHECIMENTO:

4.1 Educação, incluindo Educação Física;

4.2 Informática e Computação;

4.3 Comunicação; Fisioterapia;

4.4 Engenharia de produção;
Gerontologia.

Fonte: autora

5.4ª CATEGORIA: Áreas de Conhecimento

TABELA - 7.

Áreas de Conhecimento	Nº de Artigos
Educação incluindo Educação Física	09
Informática e Computação	03
Comunicação	01
Fisioterapia	01
Engenharia de Produção	01
Gerontologia	01
TOTAL	16

Fonte: autora.

Entre as áreas de conhecimentos científicos, a que mais se destaca com 09 (nove) trabalhos, correspondente a 56,25% é a área de educação, incluindo educação física, em seguida temos 03 (três) trabalhos na área da computação, correspondente a 18,75% do universo trabalhado, as demais áreas que aparecem são: Comunicação, Fisioterapia, Engenharia de Produção e Gerontologia, com 01 (um) trabalho cada. Dentro deste contexto entende-se a área de educação como a que mais se destacou, sendo que, este interesse gira basicamente em torno da elaboração de técnicas e metodologias de como levar os mais velhos a aprender utilizar as TICs em consequência das peculiaridades de aprendizagem desta faixa etária (MESSIAS, 2014; PASQUALOTTI *et al.* 2006; PIMENTA, *et al.* 2009; RIBEIRO, *et al.* 2014; SANTAROSA, *et al.* 2009; TAVARES, *et al.* 2012).

É fato que as novas tecnologias têm se instalado no dia-a-dia de todos de forma irreversível, o que influencia não só a vida empresarial como privada. Para os jovens, nascidos nessa época digital, é extremamente simples o estabelecimento de uma relação íntima de identificação, com estas ferramentas. Enquanto os mais velhos têm demonstrado dificuldades em compreender e acompanhar esta realidade.

Diante deste fato observa-se certo interesse da área da computação em aproximar todas as faixas etárias dos conhecimentos que envolvem as novas tecnologias, tendo em vista, tanto as situações públicas como privadas e a sociedade em geral terem se informatizado, criando inclusive dependência com tudo o que seja eletrônico. E, como parte principal destas mudanças tecnológicas está a Internet (O' REILLY, 2004).

Pavón (2000) prediz a importância das pessoas mais velhas terem acesso à escola, em especial a cursos que orientem a utilização dos recursos da rede de computadores, pois muitas delas não tiveram a oportunidade de aprender estes recursos tecnológicos por estarem envolvidas com a manutenção de empregos e com a subsistência pessoal e familiar.

5ª- CATEGORIA: Principais Conclusões

5. PRINCIPAIS OBJETIVOS DAS PESQUISAS.

5.1 Descrever as contribuições das TICs para a qualidade de vida dos idosos;

5.2 Discutir e analisar o impacto e as dificuldades no manuseio das ferramentas eletrônicas;

5.3 Verificar a quantidade de acesso às redes sociais;

5.4 Analisar aspectos psicológicos, gerontológicos educacionais..

Fonte: autora

5.5ª CATEGORIA: Principais Conclusões

TABELA - 8

SUBCATEGORIAS	QUANTDD. DE PESQUISAS
Descrever as Contribuições das TICs para a Qualidade de Vida dos Idoso;	04
Discutir e analisar o impacto e as dificuldades no manuseio das ferramentas eletrônicas;	07
Verificar a quantidade de acesso às redes sociais;	03
Analisar aspectos psicológicos, gerontológicos e educacionais.	02
TOTAL	16

Conforme tabela 8, observa-se que os principais objetivos das pesquisas revisadas giram em torno de assinalar de que forma as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) contribuem para a qualidade de vida na velhice.

Para melhor entendermos buscamos conceito de qualidade de vida segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2012), a qual se refere à qualidade de vida como a percepção individual da pessoa acerca de sua posição na vida, segundo o contexto cultural, o sistema de valores no qual convive, considerando seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações, de acordo com três princípios fundamentais: capacidade funcional, nível socioeconômico e satisfação.

No entanto, qualidade de vida e satisfação na velhice tem sido relacionada aos aspectos de dependência e autonomia, levando-se em consideração os efeitos da idade.

Na fenomenologia o conceito de qualidade de vida não pode ser algo fechado que se aplica a todos da mesma forma e sim, de acordo com o fenômeno que está em questão, e em que contexto sociocultural, ou seja, quais aspectos que estão sendo analisados, quais os significados e o sentido que estão sendo atribuídos pelas pessoas envolvidas; qualidade de vida então não pode ser vista como um julgamento único.

Partindo deste princípio, Paschoal (2000) prefere avaliar a qualidade de vida de forma subjetiva, ou seja, considera a qualidade de vida percebida pela pessoa. De modo que o autor possa conhecer a opinião das pessoas, pois não podemos avaliar a qualidade de vida dentro de um modelo construído previamente, já que o importante é respeitar a percepção das pessoas sobre o que é qualidade de vida para elas.

Em se tratando da contribuição das TICs para a qualidade de vida dos mais velhos, os autores das pesquisas estudadas que tiveram como objetivo este aspecto, identificaram que iniciativas voltadas à inclusão digital influenciam positivamente na qualidade de vida.

Quanto à discussões do impacto da utilização das TICs pelos mais velhos, e de acordo com o aumento do contato com as mídias digitais, o que decorre do medo de serem socialmente excluídos por não estarem atualizados nesse processo. Segundo os autores consultados (Kachar, 2001; Kachar, 2002; Pessoa, Vieira, Cavalcanti, 2008; Kachar, 2010). Outros fatores que favorecem o aumento desta aproximação são: a curiosidade, o reconhecimento da relevância das tecnologias no cotidiano, o estreitamento das relações

familiares, o estímulo ao aprendizado proporcionado pelas relações intergeracionais, como as estabelecidas com filhos e netos (Kachar, 2001).

De modo geral, não obstante, as tecnologias de comunicação e de informação, em especial a Internet, estão possibilitando a inserção dos mais velhos no mundo virtual e potencializando a interatividade e o acesso a informações, o qual vê ampliadas as oportunidades de se incluir novamente na sociedade, cada um a seu modo (NANNI, 2007).

Só buscando ouvir para entender as peculiaridades dessa população em toda a sua complexidade, seja ela física cognitiva e emocional, é que acabamos por compreender melhor a relação dessas com a informática, e o impacto que esta última pode ocasionar em cada pessoa.

Quanto às dificuldades no manuseio das ferramentas eletrônicas, de modo geral, destaca-se, que a maioria dos mais velhos enfrenta dificuldades ante organizações e interpretações da informação ocasionadas por um declínio na capacidade em reconhecer objetos possivelmente fragmentados ou mesmo incompleta (RYBASH, 1995).

Há de se considerar também a memória ao relacionar o processamento da informação e os aspectos cognitivos, em virtude de a mesma sofrer alterações com o avançar da idade.

5.6ª CATEGORIA: Conclusões mais Recorrentes entre os Autores das Pesquisas

6. CONCLUSÕES MAIS RECORRENTES ENTRE OS AUTORES DAS PESQUISAS

6.1 Descrever as contribuições das TICs para a qualidade de vida dos idosos;

6.2 Aspectos Positivos;

6.3 Aspectos Negativos;

6.4 Outros.

Fonte: autora

TABELA - 9

Subcategorias	Quant. de Artigos
Aspectos Positivos	12
Aspectos Negativos	03
Outros	01
TOTAL	16

Fonte: autora

A categoria de conclusões mais recorrentes trás como subcategorias os aspectos positivos e negativos apontados pelos autores das pesquisas analisadas, entre esses os aspectos positivos são os que mais se sobressai,

com 12 (doze) trabalhos, correspondente a 75% dos 16 (dezesesseis) artigos revisados e os negativos com 03 (três) trabalhos, correspondentes a 18,75% e 01 (um) trabalho com 6,25% do total, o qual não dar margem para que seja classificado em positivo ou negativo os aspectos conclusivos da pesquisa.

Os aspectos positivos os quais nos referimos que predominam as conclusões das pesquisas giram em torno de questões relativas ao interesse dos mais velhos pelo envolvimento com as Tecnologias de Informática e Comunicação e por este produzir efeitos significativos na forma de estar socialmente como uma fonte de novos conhecimentos, de comunicação e de interação com familiares e amigos distantes.

Segundo a maioria dos trabalhos aqui revisados a inserção no mundo digital tem grande poder para influenciar a promoção da qualidade de vida, uma vez que atua como uma poderosa ferramenta de conexão e de comunicação com o mundo, e conseqüentemente, como promotora da saúde. E principalmente no que se refere ao sentimento de independência que o aprendizado das ferramentas tecnológicas proporciona. Ou seja, a utilização das TICs oferece mais autonomia, maior bem-estar e integração social e, por conseguinte, maior índice de felicidade. Ao se tornar um “ser digital”, mais do que ter acesso à informação, essa população, também, adquire a possibilidade de atuar e interferir na sociedade, já que o uso do computador potencializa a partilha de conhecimento.

Os aspectos negativos que aparecem nas conclusões de algumas pesquisas estão mais voltados para a dificuldade dos mais velhos em manusear os equipamentos, por causa das limitações impostas pela idade como: diminuição da destreza nos movimentos psicomotores, déficits cognitivos como diminuição da capacidade da memória, levando-os terem dificuldade de

lembrar-se de senhas; falta de escolaridade mais elevada. Bem como, problemas emocionais como insegurança, nervosismo, angústia e medo, provocados ao entrarem em contato com as TICs. Esses problemas e dificuldades fazem com que algumas pessoas mais velhas não apresentem motivações para se inserirem no mundo digital.

Outras conclusões as que chegaram os autores dos textos dessa revisão se referem á soluções consideradas como impeditores da inserção dos mais velhos no mundo digital...

6 - DISCUSSÃO

Como já ressaltado o contexto encontrado relativo aos estudos realizados a respeito da inserção das pessoas idosas no mundo das TICs se reportam às experiências vivenciadas por essas pessoas, de forma semelhante, ou seja, não falam dos sentimentos e dos significados que cada pessoa confere a essas vivências, de forma pessoal, não consideram que essas situações humanas fazem parte da ontologia de cada pessoa, construída de acordo com sua historicidade e temporalidade. Isso é, as conclusões formuladas dentro desse tema, não evidenciam as questões individuais, fenomenológicas dos participantes das pesquisas. Refere-se aos mais velhos de forma coletiva, deixando transparecer que o fato de estarem nas mesmas faixas etárias podem ser estudados da mesma maneira, sem se preocupar com a singularidade de seus aspectos emocionais, psicológicos ao entrarem em um mundo que não lhes foi peculiar ao longo de sua existência.

Não apresentam uma discussão própria e individual de cada um dos participantes da pesquisa, no que diz respeito aos fenômenos ocorridos como: motivações, expectativas, medos, inseguranças e outros envolvidos nos momentos que foram entrando em contato com algo tão novo, com o desconhecido. Mas que na realidade atual é necessário para a convivência e atuação na sociedade.

O que se observa é que os trabalhos realizados dentro desta temática relatam apenas satisfação, facilidade e alegria por parte das pessoas mais velhas que participaram das pesquisas que deram origem aos artigos revisados. Quando algum desses trabalhos fala de dificuldades, também se referem a uma dificuldade coletiva, como se todas as pessoas sentissem as mesmas

dificuldades e pelos mesmos motivos, assim como, se a superação fosse à mesma para todos.

Motivação é um dos aspectos bastante comentado nas pesquisas revisadas, sendo que também, de forma plural, como se todos os participantes tivessem apresentado as mesmas motivações para entrar no universo digital, não se observa, por tanto, uma discussão particularizada das razões singulares que certamente motivaram a pessoa para que fosse buscar, ou que se permitisse receber os conhecimentos que permitem o acesso e manuseio das TICs nas as atividades do cotidiano.

Esta mesma generalização é observada, também, nas narrativas dos autores no que se refere aos resultados das pesquisas, os quais giram em torno de que todos os participantes encontram vantagens e contribuições favoráveis na utilização das máquinas e dos aparelhos eletrônicos, tendo em vista, estes equipamentos proporcionarem comunicação imediata e eficaz, satisfazendo as necessidades de contatos e relacionamentos com familiares e amigos, amenizando, com isso, os sentimentos de isolamento e solidão, bem como, proporcionando sensação de segurança em caso de solicitação de ajuda em ocorrências de problemas de saúde.

A tendência em tornar comum o vivido pelas pessoas mais velhas pode ser compreendida através da negação da fenomenologia da formação da ontologia em Heidegger, quando, este autor, expressa que: “O ser é o conceito mais geral” para se definir pessoa, Heidegger faz referência a Aristóteles (livro B,4 da *Metafísica: Os Princípios da Verdade*). Esclarecendo que:

Ao se manter que o “**ser**” é o conceito mais geral, não pode isto significar que seja o mais claro e que dispense toda outra explicação. O conceito de ser é, ao contrário, o mais obscuro. (HEIDEGGER. 1960, p. 3)

O que se prevê, com isso, na fenomenologia é o que o autor expressa “A questão do ser, hoje, caiu no esquecimento, embora nossa época considere como um progresso aceitar novamente a ‘metafísica” (HEIDEGGER, 1960, p.2). E, que se o sentido do **ser** vem historicamente sendo esquecido – velado – é porque este mesmo, admite essa possibilidade. Como por exemplo, no caso das pessoas mais velhas, os aspectos próprios de cada **ser**, ao longo da sua história vêm se deixando fundir como coisa desnecessária ou inútil que desequilibra a harmonia de seu todo.

Heidegger explica, com isso, que se, a questão do **ser** caiu no esquecimento, é porque o **ser** se tornou uma noção pretensamente evidente. Os preconceitos que conduziram a essa dissimulação do problema ontológico fundamental, converteu em doutrina o que na origem era pesquisa e indagação, Heidegger (1960, p. 3).

Heidegger lembra, também, que o campo temático da fenomenologia é o ser, e a fenomenologia é conseqüentemente, por definição, ontologia. Existência que é, por sua vez, caracterizada pelo fato de lhe pertencer a uma “compreensão mediana do ser”, e não um “conceito explícito” do **ser** mesmo. E que, o claro aparecer do ser em sua generalidade não é em verdade, senão a aparência que de fato o dissimula, ou seja, o **ser** é indefinível. É a dedução lógica que se infere de sua absoluta generalidade. Sendo um transcendente, colocado acima de todos os gêneros, o **ser** não se compadece com uma definição que somente é possível mediante as determinações de gênero e de espécie. Se o **ser** é indefinível logicamente, não quer isso dizer que não seja indispensável uma interrogação sobre o seu sentido (HEIDEGGER 1977 p. 11).

O advento das Tecnologias de Informática e Comunicação inserem no cotidiano das pessoas o uso de equipamentos: aparelhos celulares,

computadores, i-pad, etc; bem como o uso de meios de relacionamento, tais como as redes sociais: facebook, e-mail e serviços como as caixas eletrônicas de autosserviço de bancos e as de autoatendimento em Shopping-center, o que demonstra uma transformação do mundo em que vivemos nas dimensões dos relacionamentos, da comunicação e do consumo. Entretanto, há lacunas entre o uso das tecnologias pela geração passada e a atual, isso é, nas gerações passadas os avanços tecnológicos ocorriam de forma lenta, demorava um tempo entre o lançamento de um aparelho para outro mais avançado, assim como, as pessoas não tinham acesso imediatos às novas tecnologias, deixando com isso hiatos, pois as TICs não estavam presentes na sociedade de modo universal, (AZEVEDO, 2013).

As pesquisas apontam que é irreversível, bem como são profundas as transformações que as TICs geram no dia-a-dia, tanto em nível individual como social particular e profissional, influenciando drasticamente a vida humana, o tempo e o espaço, e revolucionando a forma de pensar de aprender e conseqüentemente de agir sendo que para os mais velhos, que foram criados e educados numa época em que não tiveram qualquer contato nem experiência com as TICs, esses são considerados “info-analfabetos ou analfabetos digitais” (AGUIAR, 2006)

A informática somente se constitui em um acontecimento de larga expansão, a partir das últimas três décadas do século XX, o que torna seu uso relativamente novo para as gerações mais velhas, enquanto que as crianças e os jovens do novo milênio apresentam uma adaptação natural à era informatizada. Segundo Castells (2004) só houve ampla difusão das novas tecnologias de informação na década de 70, o que acelerou seu desenvolvimento sinérgico convergindo para surgimento de novos paradigmas.

Castells (2004) aponta que na sociedade tecnológica existe uma série de inovações de serviços eletrônicos que os mais velhos também podem utilizar de uma maneira mais cômoda, econômica e sem sair de suas habitações, como: consultar portais do governo, acessar bancos (e-banking), fazer compras (e-shopping), utilizar tecnologias de apoio assistido em casa (bi.e., medição da tensão), maior disponibilidade para apoio ao longo da vida (lifelong learning) e reabilitação através de meios computadorizados.

Dentre as vantagens da utilização do computador pelos idosos são elencadas a participação em cursos de informática, melhorias das atitudes e aprendizagem, avanço das competências relativas à autonomia e comunicação (CHAFFIN, HARLOW, 2005), prevenção do declínio cognitivo, conexão com familiares e amigos, assistência relativa a assuntos relacionados com saúde, independência e melhora da autoestima (CHAFFIN, HARLOW, 2005)

Tendo constatada a importância da utilização das TIC por idosos, bem como, a necessidade de utilizá-las, são desenvolvidos inúmeros estudos para que possam focalizar as práticas de TIC destas pessoas. Sobre esse aspecto Seabra (2002) destaca que:

A inclusão digital apresenta-se relevância hoje como uma questão social de grande, no momento em que o domínio das tecnologias de informação, comunicação e computação se tornaram condições necessárias e essenciais para que as pessoas estejam presentes e ativas no mundo" (p.125).

Em contrapartida, as tecnologias tornaram-se, também, algo distante e complexo, o que vem gerando resistência por parte de algumas classes de pessoas mais velhas em aprender a lidar com essas ferramentas digitais, como por exemplo, algumas camadas que não têm estudos elevados, bem como, aqueles que não têm acesso a esses equipamentos eletrônicos e, aqueles

ainda, que simplesmente não pretende mais se envolver em situações de aprendizagem (SEABRA, 2002)

A divergência entre os argumentos mostra a complexidade das questões do uso das TICs pelos idosos, o que têm aguçado o interesse de estudiosos por esse tema e, gerando inúmeros estudos, teorias e teses relacionadas à velhice e a utilização das tics, principalmente nas áreas da saúde, educação e psicologia (CASTELLS, 2004).

Diante do desenvolvimento da pesquisa percebemos que a literatura científica apresenta uma gama de estudos a respeito das contribuições e os impactos das TICs no bem-estar biopsicossocial das pessoas mais velhas, assim como, apresenta estudos que tratam da entrada no mundo digital dessas pessoas. Para tanto, o que se observa é certa homogeneidade no modo de compreender a inclusão e a adaptação dessa população no espaço digital, ou seja, nossa interpretação se dá na ideia de que os autores tratam de uma forma metafísica, como se o que ocorre com uma pessoa fosse da mesma forma para todas as outras. Ou seja, a pluralidade dos indivíduos é unificada nas ideias pré-existentes.

Observa-se, com isso a falta de estudos de base fenomenológica que concebam o processo de inclusão e adaptação como algo próprio de cada pessoa, de acordo com suas peculiaridades e subjetividades construídas com base na historicidade e temporalidade de cada pessoa. Podendo, assim, ser compreendida, essa inserção, sob a perspectiva daqueles que vivenciam o processo.

Há, portanto, insuficiência de trabalhos que discutam ideias baseadas em teorias qualitativas não positivistas. Desse modo, torna-se relevante compor investigações e estudos científicos com as pessoas que vivenciam tais

experiências com intuito de conhecer o sentido e o significado dado a essa inclusão no mundo digital.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velhice não é apenas determinada pela passagem do tempo cronológico no corpo biológico, mas se trata, também, da vivência singular do envelhecimento, pois a forma como a sociedade percebe o envelhecer relaciona-se, diretamente, porém não exclusivamente, ao modo como o indivíduo significa o próprio envelhecimento. Um indivíduo se forma através de suas vivências únicas e pessoais, e também constrói uma significação exclusiva para essas experiências. Isso faz com que os sentidos dados ao seu próprio envelhecimento não sejam apenas definidos pelo biológico e pelo social.

O fenômeno da velhice pode ser vivenciado de modo negativo, como algo que tira do sujeito suas expectativas, sua produtividade, sua criatividade e seu modo de “levar a vida”. E este mesmo fenômeno pode ser vivenciado de modo positivo, como uma fase da vida que lhe “sobra tempo” para experienciar momentos que antes eram impossíveis, uma fase da qual se encontra toda a sabedoria e experiência de uma vida inteira.

Quanto às abordagens da tecnologia, estas são investigadas nos tempos modernos por Marx, Engels, Rousseau, Bacon, Comte e Simmel (o que constitui a base filosófica e teórica clássica da reflexão em torno da tecnologia). Contudo, o debate começa a se intensificar com a discussão introduzida por Heidegger (1977), cuja versão original foi publicada em alemão, em 1954.

Segundo Heidegger, o humano é um existente porque está essencialmente ligado ao tempo. Deste modo, a temporalidade tem a função de unir a essência com a existência, à compreensão do ser é ao mesmo tempo uma determinação do ser (HEIDEGGER, 1967). Isso faz com que ele se encontre sempre além de

si mesmo, nas possibilidades futuras. Neste sentido o humano é futuro. Para pôr em ato essa possibilidade, ele parte sempre de uma situação, na qual ele já se encontra, neste sentido ele é passado. Finalmente, enquanto ele faz uso das coisas que o cercam, ele é presente.

Para compreender a temporalidade de uma pessoa, é necessário olhar para o momento em que está vivendo sua vida, neste caso, compreender como se dá a velhice para cada sujeito. Ciente de que, não existe uma resposta única à pergunta sobre “*ser velho*”. Dois sujeitos com a mesma idade poderão apresentar características muito diferentes em um ou vários aspectos de seu modo de ser e estar no mundo.

Quanto às tecnologias, em seu texto "Serenidade" (1955) Heidegger reflete sobre a essência da técnica moderna e mostra a necessidade de recuperar aquilo que ele chamou de pensamento meditativo. O que não se trata de negar a técnica, obviamente, mas de repensar a nossa relação com ela. O apelo heideggeriano é, pois, o de mantermos acordado o pensamento já que o que o homem tem de mais próprio é, justamente, ser um ser pensante.

Ressalta ainda, que a técnica não é um instrumento neutro nas mãos das pessoas, uma vez que ela pode ser objeto de diversos tipos de uso, e ser usada para o bem ou para o mal. Também não deve ser encarada como um acontecimento accidental. Segundo Heidegger, a técnica consiste no resultado lógico, subsequente daquela evolução pela qual o humano, “esquecendo-se” do Ser, se deixou "amarrar" pelas coisas convertendo a realidade em puro objeto que há que dominar e explorar.

Heidegger nos ajuda a refletir com o que estamos comprometidos na era da tecnologia e os desafios que devemos enfrentar e vencer, se quisermos estabelecer uma nova relação com esse fenômeno. Para ele, tecnologia é o

título que conferimos ao ente quando este é perpassado não pela técnica, mas sim por sua essência – e não qualquer uma, mas a que se encontra vigente em nosso tempo.

A tecnologia seria, então, uma forma de revelação da existência, um princípio de construção do mundo em determinadas condições – ela é formadora de uma época, expressa um modo de ser do mundo, pois é a correspondência entre um processo de posicionamento da realidade e uma forma de pensamento (RÜDIGER, 2006).

Rüdiger, 2006), ressalta, também, que para Heidegger o principal ponto crítico, é o que a técnica coloca para o futuro do *ser* humano, ou seja, pensar o simbólico de nossa relação com o mundo e com o modo como a sociedade contemporânea se articula.

Observa-se com isso, que Heidegger rejeitou a visão de que o domínio da realidade pela técnica seja a causa para nossa situação histórica atual. A estrutura e o sentido da técnica moderna são perdidos se tentarmos suprimir seu lado ruim e ficarmos apenas com seu lado bom. O pensamento heideggeriano trata a técnica como o significado de uma nova época para o ser humano, mas que não está ao alcance de sua vontade, controle ou consciência. Um dos pontos principais desse estado de coisas é o fato de que a tecnologia moderna se sobrepõe cada vez mais à ontologia tradicional. (SARAMAGO, 2008).

A tecnologia é, portanto, um modo de pensar (*o ser*) planetário, que serve a uma armação, a um quadro, de uma nova ordem humana – ordem esta que poderá levar à extinção completa da humanidade. Para Heidegger houve uma mudança de ordem metafísica após a Idade Média. O homem tornou-se insaciável por sua própria figura e, assim, apoderamo-nos da existência mesma. Antes dessa alteração em nosso modo de ser no mundo, a posição do homem

no cosmos era diferente, era uma postura de adequação. Hoje, o mundo se tornou uma fonte de recursos, pura e simples, surgida de uma nova relação com a metafísica tradicional, que Heidegger chamou de ordenamento provocador.

Para esse autor, a técnica não é um plano que projetamos, mas também não é algo que nos projeta – não somos nem senhores, nem escravos; complementamo-nos mutuamente, somos dependentes um do outro, pois a técnica moderna além de ser estranha à linguagem cotidiana é incapaz de ser medida ou controlada pelo homem – esta talvez seja nossa maior ilusão.

Segundo Heidegger, a técnica está relacionada diretamente com a história do ser, mas Heidegger só começa a problematizá-la ao perceber sua conexão com o destino dessa história na era moderna – nesse sentido, a técnica antiga é diferente da técnica moderna.

Hoje, a técnica, diz Heidegger é também ideologia, pois seus objetivos participam da própria construção do sistema tecnológico. O humano passa a ser visto como matéria para qualquer tipo de cálculo e operação. A técnica passou a ser a resposta fluida e exata para os problemas aos quais não meditamos ou sequer formulamos. A conversão do mundo em imagem só tornou-se possível graças à tecnologia. Mas essa mudança só aconteceu a partir da alteração de paradigma originada no século XVII.

Considero que o crescente sentimento de vazio que vivenciamos acontece porque se esvazia dia-a-dia o interesse em perguntar pela condição humana. Segundo Heidegger, é infrutífero tentarmos voltar a um tempo passado, onde a técnica (aparentemente) não predominava; da mesma forma que é inócuo engendrarmos um processo de controle moral da técnica, mas entender que sua essência remete ao nosso próprio modo de ser e, por causa disso, precisaríamos estabelecer um novo modo de relação com ela.

Heidegger sugere que não temia a tecnologia, mas seu predomínio imperialista, sua conversão em único modo de ser e que pode destruir tudo o que nos é mais próprio, a saber, o pensar. O desejo de nossa espécie de impor seu domínio sobre o mundo faz parte da velha ilusão moderna segundo a qual tudo pode ser conhecido por meio da ciência positiva e controlado pela tecnologia. Heidegger afirmou que, enquanto formos humanos, não atingiremos o ápice absoluto desse processo – a total transformação de todos os entes em máquinas não poderá se completar. Enquanto seres humanos, temos uma relação com a realidade, um modo de ser no mundo – e se perdermos nossa essência, ou seja, aquilo que construímos a partir das vivencia que vamos experimentando, o mais perderá o sentido. (POSSAMAI, 2010; RÜDIGER, 2006).

De modo geral, o que entendemos sobre a reflexão heideggeriana em relação à natureza do pensar não se reduz as considerações sobre a forma de pensamento que se deseja exata e propriamente filosófica, tal como frequentemente a entendemos, mas demonstra a absoluta necessidade de entrar em certas esferas deste pensar, tradicionalmente idealizado.

Pensar a tecnologia como uma realidade própria, em suas características gerais, não significa negligenciar suas variadas formas de manifestação: o que apresentam de peculiar e irreduzível, a exemplo da biotecnologia, dos artefatos bélicos, dos equipamentos e dos conhecimentos relacionados à informática, às comunicações, aos novos materiais, e assim por diante. Cada uma dessas formas tecnológicas possui especificidades, no que concerne aos impactos produzidos na sociedade – em termos de melhoria ou de ameaça à qualidade de vida –, aos diferentes tipos de reação social – de apoio ou de resistência – e às possibilidades de valorização ou de limitação da dignidade humana.

O que queremos argumentar é que a tecnologia não é necessariamente uma realidade ameaçadora e restritiva; tampouco é emancipatória, para a humanidade e para a vida no planeta. O julgamento deve ser feito caso a caso, dependendo do tipo de tecnologia enfocada, de sua evolução histórica e de suas inúmeras possibilidades de vir a ser uma coisa ou outra, dependendo de ampla diversidade de fatores.

Falar de tecnologia em seu sentido geral, num nível mais abstrato, no qual se busca compreender os seus elementos estruturais, independentemente de suas várias formas concretas, é, além de justo, um desafio necessário. Identificar e analisar os elementos estruturais e induzir o modo geral de evolução do fenômeno tecnológico, sem perder de vista suas especificidades, é um caminho promissor do ponto de vista crítico. A combinação entre o geral e o específico tem o potencial de acentuar a visão de complexidade, que atenua a possibilidade tanto de uma perspectiva catastrófica quanto de uma atitude honrada, a respeito da tecnologia.

Nesse sentido, as formas fenomenológicas da tecnologia constituem apenas indícios de outra realidade, menos visível, menos aparente, a saber, a condição ontológica da tecnologia, acessível mediante o processo de abstração e de inferência, próprio da atividade humana. É precisamente no exame de uma situação concreta que essa condição ontológica salta aos olhos, emergindo de um sem-número de decisões, conflitos, negociações e ações racionais consequentes.

O conteúdo igualitário da tecnologia, os conhecimentos produzidos e as transformações operadas na natureza constituem a condição ontológica da tecnologia. Como exemplo, podemos ressaltar gerações mais velhas que podem apresentar dificuldades e resistências em entender a nova linguagem e em lidar

com os avanços tecnológicos, até mesmo nas questões mais básicas, como o uso de eletrodomésticos, telefones celulares, caixas eletrônicos e outros equipamentos de seu dia-a-dia (KACHAR, 2002).

Castells (2004) destaca, também, o conceito de “infoexclusão” sobre a desigualdade no acesso à Internet. Para os mais velhos, a dificuldade em ter acesso à Internet pode estar relacionada à sua situação financeira: muitas vezes sua renda é apenas a aposentadoria e, com isso, utilizar a banda larga, por exemplo, torna-se quase inviável; além disso, pode ter dificuldade em adquirir um computador.

Sendo assim, ao analisar as relações do idoso contemporâneo com a utilização de tecnologias digitais, devemos considerar que este é um processo inserido em momentos históricos e contextos sociais distintos.

As pessoas mais velhas contemporâneas, que nasceram e cresceram em uma sociedade com relativa estabilidade, convivem de forma mais conflituosa com a tecnologia, enquanto os jovens são introduzidos neste universo desde o nascimento. São pessoas que tiveram menos probabilidade de conviverem com novas tecnologias do que pessoas mais novas, uma vez que convivem menos com crianças e também porque é provável que tenham saído do mercado de trabalho ou da escola antes da generalização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). A passagem da tecnologia analógica para digital representa uma ruptura demasiado significativa, de maneira que, para aqueles que conviveram com tecnologias de outra ordem, a utilização de instrumentos da era digital pode representar um aprendizado absolutamente novo, sem a possibilidade de utilizar conhecimentos anteriores para a construção da nova habilidade (KACHAR 2003; ROSEN, WEIL 1995; BIANCHETTI 2008).

Geralmente as pessoas levam algum tempo para absorver em suas vidas novas tecnologias, incluindo-se aqui a tecnologia da Internet. O ser humano tem uma tendência natural em resistir às mudanças, teme a novidade e receia o desconhecido.

O uso dos conhecimentos da Internet pode contribuir para combater a exclusão social que as pessoas mais velhas vivenciam, são espaços de comunicação, de troca com pessoas de todo o mundo e de aprendizagem constante. Portanto, valorizar suas experiência, através do uso de interação em ambientes de educação permanente na Web, e despertar seu interesse em assumir o papel de cidadão da sociedade, é fundamental para a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas.

Com o aumento da expectativa de vida, os mais velhos passaram a serem sujeitos mais ativos na sociedade, ansiando por projetos futuros e acompanhando as transformações tecnológicas. A Internet despertou também interesse nos idosos, que atualmente buscam aprender a fazer uso dessa ferramenta.

A informatização crescente da sociedade contemporânea exige que os mais velhos se apoderem desses conhecimentos. Isso reforça a necessidade de mais estudos que integrem as variáveis do uso das TIC por essas pessoas, abordando contextos subjetivos, no sentido de eliminar a representação da velhice enraizada nas ideias de deterioração e perda, e que com isto não há interesse e condições de aprendizado dos mais velhos, mostrando, também, que essa não é uma realidade universal. E, que pessoas mais velhas podem adquirir novas funções nas sociedades que permitem o uso, o saber e a experiência de seus cidadãos mais velhos.

A tecnologia influencia de forma semelhante o modo dos jovens e dos velhos navegarem na informação. Ressaltando que no mundo atual, quem detém informação, detém poder de cidadão. “É direito de todo cidadão, ter amplamente facilitado o seu acesso às novas tecnologias de informação”. (GARCIA, 2000; LIMA, 2007; PASQUALOTTI, 2004).

REFERENCIAS:

AGUIAR, Sonia. Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação: relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: NUPEG, 2006.

ANDRADE, Valéria Sousa de; **PEREIRA**, Leani Souza Máximo. Influência da tecnologia assistiva no desempenho funcional e na qualidade de vida de idosos comunitários frágeis: uma revisão bibliográfica. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol, v. 12, n. 1, p. 113-22, 2009.

ARAÚJO, L. F., Coelho, C. G., de Mendonça, É. T., Vaz, A. V. M., Siqueira-Batista, R., & Cotta, R. M. M. (2011). Evidências da contribuição dos programas de assistência ao idoso na promoção do envelhecimento saudável no Brasil.

AZEVEDO, Celiana. Tecnologias de Informação e Comunicação, mídia e memória na construção de identidade geracional de idosos portugueses. Verso e Reverso, v. 27, n. 66, p. 227-235, 2013.

BACHELARD, G. O novo espírito científico. Tradução de Rememberto Francisco Kuhnen. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Coleção Os Pensadores).

BEAUVOIR, S. A Velhice: as relações com o mundo. São Paulo: difusão Europeia do livro, 1970.

BEAUFRET, J. Introdução às filosofias da existência. Tradução e notas de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

BELLO, Angela Ales. Introdução à Fenomenologia. Trad. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

_____, A.A. Fenomenologia e Ciências Humanas. Bauru: Edusc, 2004.

BICUDO, V.A.M. Fenomenologia: confrontos e avanços. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

BERGAMASCHI, Marcelo Pereira et al. A qualidade de vida do idoso mediante a tecnologia nos âmbitos fisiológicos psicológicos e sociais. Unisanta Humanitas, v. 4, n. 1, p. 1-9, 2015.

BOEMER, Magali Roseira e **SILVA**, Maria da Graça da, VIVENDO O ENVELHECER: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA. Rev Latino-americano de Enfermagem 2009 maio-junho; 17. Disponível em www.eerp.usp.br/rlae. Caderno do professor: filosofia, EM, 3ª S., V.3, p.112 -13. http://www.simonebeauvoir.kit.net/links_02.htm). SÃO PAULO-SEE.

BRAGA, C; **LAUTERT**, I, Caracterização Sociodemografica dos Idosos de uma Comunidade de Porto Alegre, Brasil. Revista Gaúcha Enfermagem. Porto Alegre, v. 25, n 1, 2004.

CASTELLS, M. (2004). A galáxia da Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

COSTA, Filomena Guterres; **CAMPOS**, Pedro Humberto Faria. Representação social da velhice, exclusão e práticas institucionais. Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas, v. 1, n. 1, p. 100-113, 2009.

DA SILVA, Carine Alves; **FOSSATTI**, Anderlei Fabiano; **PORTELLA**, Marilene Rodrigues. Percepção do homem idoso em relação às transformações decorrentes do processo do envelhecimento humano. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, v. 12, 2007. APA

DA SILVEIRA, Michele Marinho et al. EDUCAÇÃO GERONTOLÓGICA: UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM MEDIADO PELA INFORMÁTICA. InterSciencePlace, v. 1, n. 23, 2015.

DARTIGUES, André. O que é a fenomenologia? Trad. Maria José de Almeida. 10ª ed.. São Paulo, SP: Centauro, 2008.

DE FREITAS, Maria Célia; **QUEIROZ**, Terezinha Almeida; **DE SOUSA**, Jacy Aurélia Vieira. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 44, n. 2, p. 407-412, 2010.

DE OLIVEIRA TEIXEIRA, Selena Mesquita et al. REFLEXÕES ACERCA DO ESTIGMA DO ENVELHECER NA CONTEMPORANEIDADE. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 20, n. 2. 01/12/2006.

FECHINE, Basílio Rommel Almeida, and Nicolino Trompieri. "O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos." *InterSciencePlace* 1.20 (2015).

FERNANDES, Maria das Graças Melo; **GARCIA**, Loreley Gomes. O sentido da velhice para homens e mulheres idosos. *Saúde e Sociedade*, v. 19, n. 4, p. 771-783, 2010.

FERNANDES, S. L. C. O lugar da ciência – um ponto de vista filosófico. O que nos faz pensar. *Rio de Janeiro*, v.15, p. 73-136, 2002.

FERREIRA, Sonia de Almeida e **TORRES**, Ana Carla. A utilização das TIC e o autoconceito, o ânimo e a qualidade de vida do cidadão sénior: que relação?

GARCIA, H. D. (2001). A terceira idade e a Internet: uma questão para o novo milênio. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, Paraná, Brasil.

GIL, Henrique. e-Saúde: Apenas uma conjugação entre Tecnologia & Saúde?: O caso das pessoas mais idosas. V *Jornadas sobre Tecnologia e Saúde*, 2012.

GOTO, Tommy Akira. A Introdução à Psicologia Fenomenológica – A nova Psicologia de Edmund Husserl. Disponível em: www.uff.br › Anais do Congresso de Fenomenologia da Região Centro-Oeste› v. 3, n. 2 (2013), acessado em 02 de setembro de 2017.

_____, Tommy Akira; SILVA, Marília Zampieri da, A questão da formação feminina em Edith Stein – O processo da formação da pessoa. X Seminário de Psicologia e Senso Religioso, Curitiba, PUCPR, 2015. ISSN 0000-0000

GUIMARÃES, Elzimar Campos. Reflexão sobre a velhice. Juiz de Fora, 2007.

HAAR, M. Heidegger e a essência do homem. Tradução de Ana Cristina Alves. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo: Parte I. 2002.

_____, Serenidade. Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget.

HUSSERL, Edmund. A Ideia da Fenomenologia. Trad. Artur Morão. Lisboa, Port.: Edições 70, 2014.

_____, Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

_____, Europa: crise e renovação: artigos para a revista Kaizo (Japão). Trad, p/ português Pedro Alves e Carlos Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

KACHAR, V. (2002). A terceira idade e a inclusão digital. Revista O mundo da saúde, 26(3), p. 376-381.

KOMATSU, Ricardo S. In: RODRIGUES, Rosalina Partezani; DIOGO, Maria José D' Elboux (org). Como cuidar dos idosos. Introdução. Campinas: Papyrus, 1996. Coleção Vivacidade.

LIMA, M. P. (2007) O idoso aprendiz. Divulgação eletrônica do Programa de Estudos de Pós-Graduados em Gerontologia e do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) da Pontifícia Universidade Católica de São/Paulo-PUCSP.

MATTAR, Cristine Monteiro; SÁ, Roberto Novaes de. Os sentidos de análise e analítica no pensamento de Heidegger e suas implicações para a psicoterapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 8, n. 2, p. 0-0, 2008.

MOTTA, Alda Britto da: *Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio /Agosto 2010-227*.

MOREIRA, Virginia. Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. *Psicologia em estudo*, v. 15, n. 4, 2010.

NANNI, D. (s/d). Idosos na internet: adeus à info-exclusão. *Revista Eletrônica Idade Ativa*. Disponível em: http://www.techway.com.br/techway/revista_idoso/ Acessado em 05/06/2007.

NOGUEIRA, F. N. N.; **MOREIRA**, V. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade [dissertação]. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2008.

ODEBRECHT, Clarisse; **GONÇALVES**, L. Da Gerontologia à Gerontecnologia. *Portal do envelhecimento. Consult*, v. 20, 2008.

OLIVEIRA, RCS. Docência para a Terceira Idade. *Olhar de Professor*. 2001.

ORLANDI, Brunela Della Maggiori, and Wilson José Alves Pedro. "Pessoas idosas e a busca por informações em saúde por meio da internet." *Kairós Gerontologia. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde*. ISSN 2176-901X 17.2 (2014): 279-293.

PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta et al. Memória e compreensão da linguagem no envelhecimento. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, v. 1, 1999.

PASCHOAL, S. M. P. Qualidade de vida do idoso: elaboração de um instrumento que privilegia sua opinião. São Paulo, 2000. Disponível em:

<www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-0911-2001. Acesso em: 23 fev.2018.

PASQUALOTTI, Adriano. Comunicação, tecnologia e envelhecimento: significação da interação na era da informação. 2008.

PAVÓN, F. Tecnologias avançadas: novos desafios de comunicação para os layores. *Communicar*, v. 15, p. 133-139, 2000

PEDRO, Wilson José Alves. Reflexões sobre a promoção do Envelhecimento Ativo.

POLIT, D. F.; **BECK**, C. T.; **HUNGLER**, B. P. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização. Trad. de Ana Thorell. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. *Kairós Gerontologia. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde*. ISSN 2176-901X, v. 16, n. 3, p. 9-32, 2013.

PEDRO, W.J.A., & Mena-Chalco, J.P. (2015). O envelhecimento na Sociologia brasileira contemporânea: notas preliminares. *Revista Kairós Gerontologia*, 18 (N.o Especial 19), Temático: "Envelhecimento Ativo e Velhice", pp. 31-47. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

PEDREIRA, Larissa Chaves; **LOPES**, Regina Lucia Mendonça. Vivência do idoso dependente no domicílio: análise compreensiva a partir da historicidade heideggeriana. *Revista Eletronica de Enfermagem*, v. 14, n. 2, p. 304, 2012.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: **BARROS**, M. M.L.de. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 69-84.

PIMENTA, Íris Linhares; **RAMOS**, Anatólia Saraiva Martins. EFEITO MODERADOR DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE SOBRE AS DIFICULDADES E BARREIRAS NA UTILIZAÇÃO DOS TERMINAIS DE AUTOATENDIMENTO BANCÁRIO ENTRE OS IDOSOS¹. *Revista Movendo Ideias*, v. 15, n. 2, 2017.

POSSAMAI, Fábio Valenti; **DE SOUZA**, Ricardo Timm. A questão da técnica em Martin Heidegger. V mostra de pesquisa da pós-graduação–PUCRS, p. 630-632, 2010.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS: Coordenação Geral dos Direitos do Idoso; Dados sobre o envelhecimento no Brasil.

RIBEIRO Jr, João. O que é positivismo. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2001, n. 72.

RIBEIRO, Karla Rangel e **MANHÃES** Viviane Rangel Ribeiro (2015), no DIAGNÓSTICO DO ACESSO À INTERNET POR IDOSOS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES: SUBSÍDIO PARA ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS DE INCLUSÃO DIGITAL.

RÜDIGER, Francisco. Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do homem do futuro. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

SARAMAGO, Ligia. Sobre a Serenidade em Heidegger: uma reflexão sobre os caminhos do pensamento. Aprender–Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, v. 6, n. 10, p. 159-176, 2008.

SEABRA, Carlos. Inclusão digital: desafios maiores que as simples boas intenções. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SCHMIDT, L. Hermenêutica. Trad.: Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2012.

SUMARES, M. História e verdade. Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, v. 35, n. 3, p. 334-335, jul./set. 1979

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; **IRIGARAY**, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Estud. psicol. (Campinas), v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional?. *Physis* (Rio J.), v.18, n.4, p. 801-815, 2008.

SILVA, Maria da Graça da, and Magali Roseira Boemer. "Vivendo o envelhecer: uma perspectiva fenomenológica." (2009).

SILVA, Vanessa et al. Velhice e envelhecimento: qualidade de vida para os idosos inseridos nos projetos SESC-Estretitos. 2009.

TRIGUEIRO, Michelangelo Giotto Santoro. O conteúdo social da tecnologia. *Eb. Informação Tecnológica: Embrapa-Secretaria de Gestão e Estratégia*, 2008.

TEIXEIRA, Selena Mesquita de Oliveira Fernanda Xavier Santiago Marinho

WASSERMAN, Camila et al. Redes sociais: um novo mundo para os idosos.

RENOTE, v. 10, n. 1, 2012. WILHELM Eduardo Davi: Inclusão digital e a

informática na terceira idade Centro Universitária Feevale, Curso de Licenciatura

em Computação RS 239, 2755 – CEP: 93352-000 – Novo Hamburgo – RS –

Brasil.